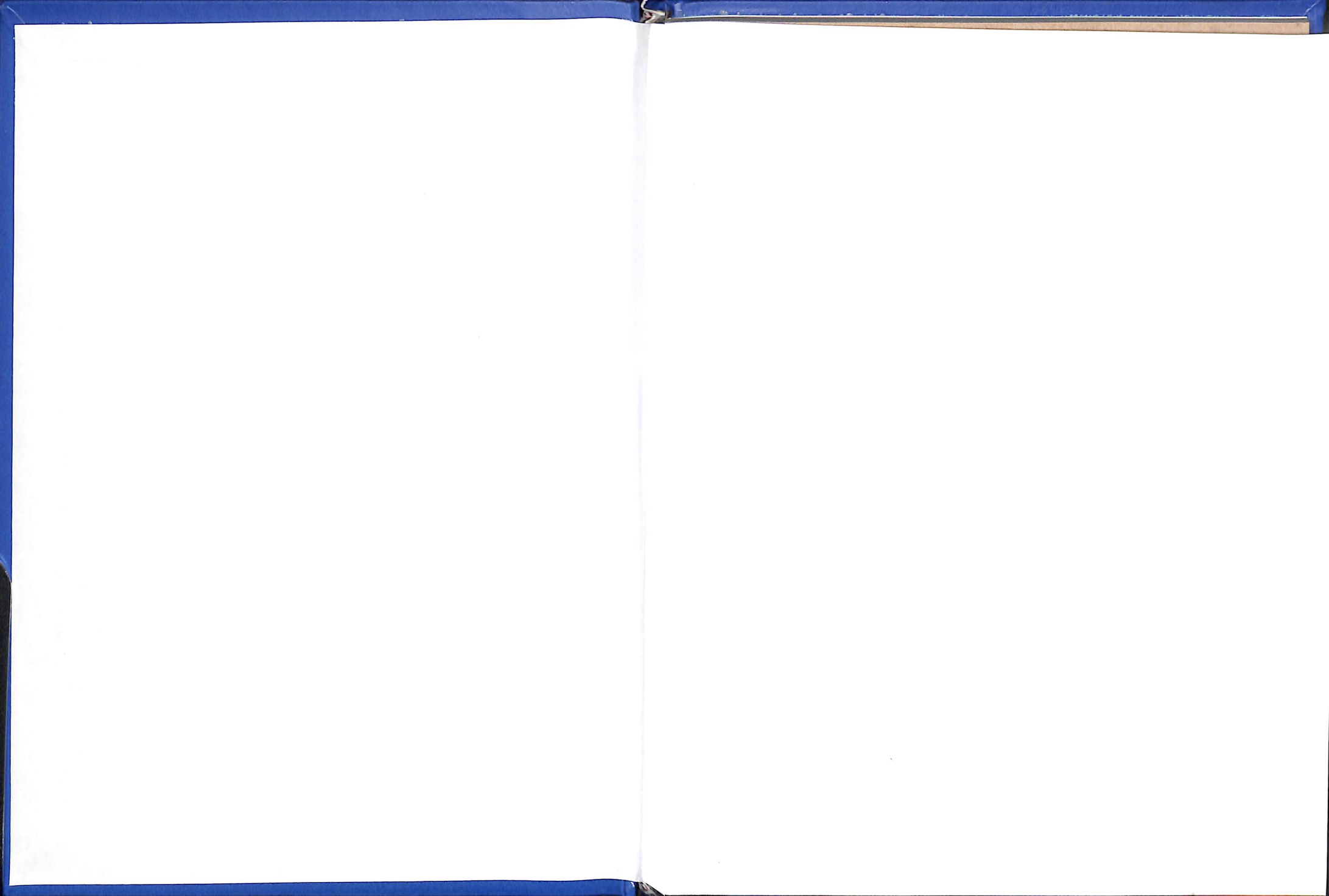
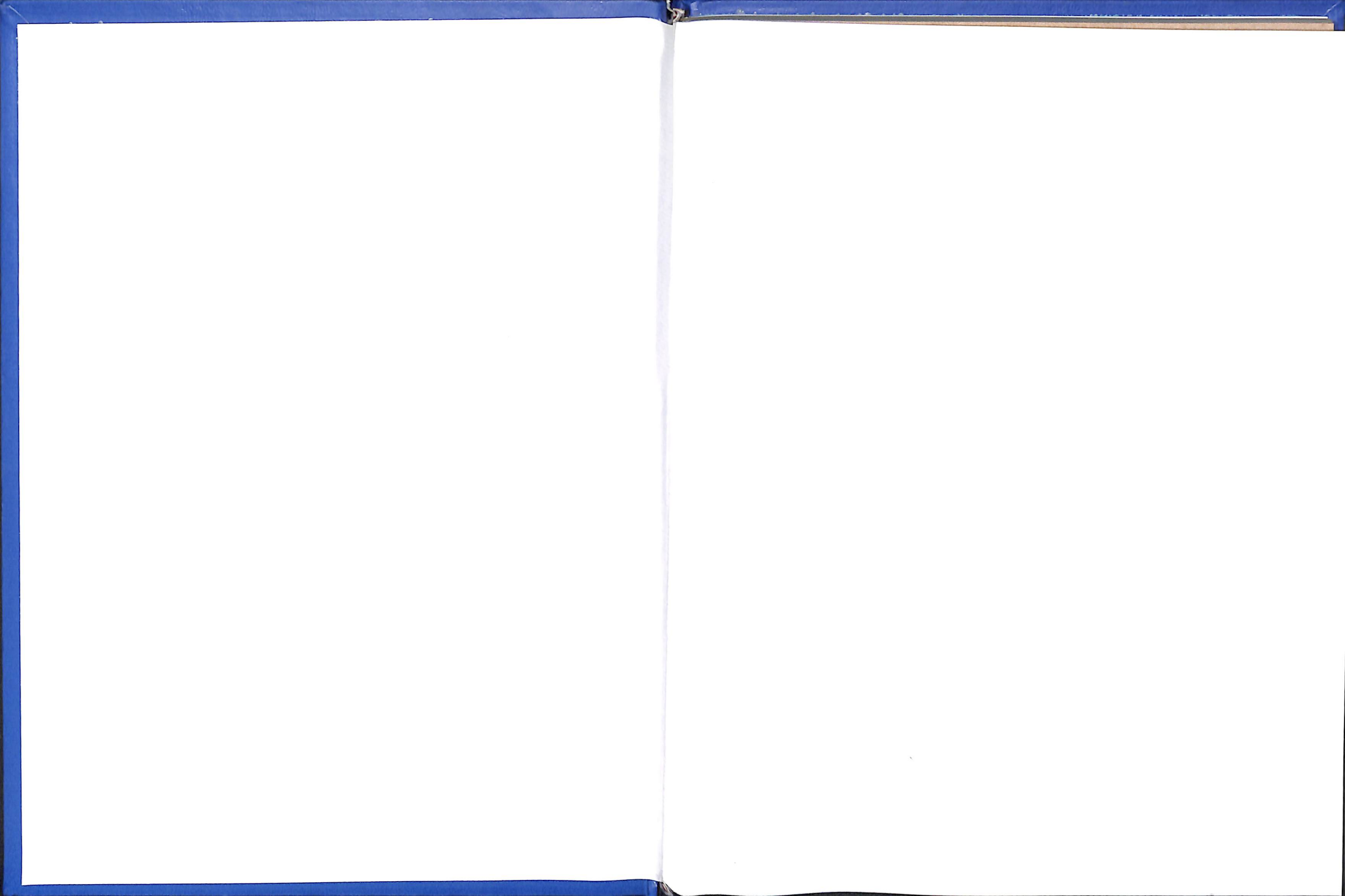


BRICIO CARDOSO

O ESCRAVO EDUCADO





THEATRO NACIONAL DE BRICIO CARDOSO.

Ed. Cap. 20 - 1928

O ESCRAVO EDUCADO.



N. 4.745

BAHIA

TYP. DE CAMILLO DE LELLIS MASSON & C

1870

Consagro este mesquinho drama ao grandioso Império do Brasil, minha adorada patria.

B. C.

INTERLOCUTORES

Paulo
Ephigenia
Nabuco
Constança
Aurora
Emilia
Augusto
Araújo
Policiaes
Escravos

A acção finge-se passar actualmente na Bahia.

Acto Primeiro.

Sala guarnecida de ricos moveis de jacarandá, piano, tapetes, cristaes, etc.

SCENA PRIMEIRA.

Paulo só e depois Augusto.

PAULO.

(Vindo do interior) Desde as cinco horas da manhã que ando em motu-continuo por toda esta cidade, á subir e descer ladeiras, como se fosse feito de engonços, e só agora pude dar conta da ultima commissão, a commissão dos *bouquets*, que não valem a massada que me derão, de ir á marche-marche d'aqui da Calçada do Bomfim as Pitangueiras. Estou perfeitamente moído e com o estomago a dobrar á finados. Não ha remedio, descanso em quanto fazem o *toilette*. (Senta-se á vontade na cadeira de balanço.) Lembrarão-se de tudo o que precisavão, luvas, rendas, leques, flores, rebiques, perfumes, fitas e quanto o diabo suggere; mas esquecerão-se de que Paulo, o pobre Paulo precisava de tomar alimentos e dar repouzo á seus membros fatigados! (Accendendo um cigarro.) Ora demos tempo ao tempo, que tenho meus projectos.... e Deos

não nos fez maior beneficio do que um dia depois de outro. (Deitando canudos de fumo pelas ventas.) Que bella cousa é o fumo! O seu descobridor merece, como o descobridor da America, as honras da canonisação. Dissabores, pezares, saúdades, maguas, amarguras, afflicções, tristezas, tudo, tudo mitiga e dissipa um amavel cigarrinho de S. Domingos, ou uma *amaroletica* e reverenda pitada. Raro se encontra hoje quem não seja apologista do fumo, por *fas* ou por *nefas* todos o consomem, até as senhoras. As rodas do carro do progresso esmagarão sob o pezo da civilisação a epocha hygienica em que o fumante era um outro parriá. (Deitando canudos de fumo pelas ventas) Que aroma! que aroma! Oh bemdicto seja o fumo! As gerações vindouras cerquem de reverencias a memoria do seu humanitario e philantropo descobridor! (Atira á escarradeira a ponta do cigarro. Sentindo passos, levanta-se e põe-se para um lado da sala.)

AUGUSTO (calçando as luvas.)

(Preparado para um baile—entra e não vê Paulo.) Como vou ser feliz esta noute! O prelude da felicidade que vou gosar arrouba-me os sentidos. Sinto-me exaltado. O sangue ferve-me. Parece-me que tenho febre. O coração pula-me. Meu Deos, como vou ser feliz! Passear com ella pelo braço em um salão vasto, esplendido, cheio de gente, que de inveja e ciume me devorará com os olhos!...

PAULO (á parte.)

(Apertando o coração.) Este homem me insulta; porque eu adoro a essa mulher de quem falla.

AUGUSTO.

As ardentes volupias da orchestra, walsar estreitando-a pela cincta, sentindo as pulsações do seo coração, o arfar dos seus candidos seios, recebendo em cheio nas faces o seu halito balsamico!.. oh! como vou ser feliz!...

PAULO (á parte.)

Essa felicidade ha-de ser-lhe tão fatal, como a sombra da mancenilheira áquelle que sob ella repousa; porque me abrasa a febre do ciume, e...

AUGUSTO.

Oh amor, como és insaciavel!.. Vivo com ella sob o mesmo tecto, vejo a minha Aurora todos os dias, fallo-lhe a cada momento; porém tudo isso é pouco para os meus desejos, para o meu pobre coração. Quando, meu Deos, dar-me-heis a ventura de possuil-a, de estar toda a minha vida a sós com ella, com a minha fulgente Aurora? (Vendo Paulo) Ah!... Estavas ahi? Tão socegado! tão silencioso! Nem te mexias, nem respiravas!

PAULO (respeitosamente.)

O escravo não deve interromper seu senhor, nem com o movimento, nem com a respiração.

AUGUSTO.

Que dizes, Paulo?

PAULO (idem.)

Diante do senhor o escravo deve ser como se não existisse. Materia e não ser animado, a inercia e a mudez, são os attributos do que não tem liberdade. As damas romanas despião-se e banhavão-se diante dos seus escravos; porque não os consideravão homens.

AUGUSTO (á parte.)

Pobre escravo! Quanta amargura nestas palavras! Se a nação as ouvisse, mover-se-hia a curar dos meios de extinguir sem agitação, nem abalo o misero elemento servil, que, ou sem grave perturbação da ordem publica e grande damno dos interesses individuaes, ou sem *deficit* insanavel no thesouro, não pode deixar de existir repentinamente. (Alto.) Acabaste de surprehender o meu segredo, ouvindo de mim que amo minha prima Aurora. Pois bem, peço-te um favor, sê discreto. (Offerecendo-lhe algum dinheiro) Toma para os teus cigarros. Se me quizeres

coadjuvar, prestando-me ôs teus bons officios, no dia do meu casamento receberás a tua carta de liberdade.

PAULO (respeitosamente.)

O escravo cala-se e coadjuva por obediencia. Não pode vender a sua mudez, nem os seus serviços.

AUGUSTO.

Então não acceitas o que te estou offerecendo?

PAULO (idem)

O dinheiro quando é ganho com ignominia queima as mãos d'aquelle que o recebe.

AUGUSTO (com força.)

És muito singular e muito altivo!

PAULO (brandamente.)

Nem uma, nem outra cousa : sou escravo.

AUGUSTO.

Posso contar contigo?

PAULO (com fingida submissão.)

O escravo não tem vontade : ser passivo, obedece e não escolhe, nem delibera.

AUGUSTO.

Ordeno-te que vás todas as noites ao meu aposento receber as minhas determinações.

PAULO.

Cumprirei...

AUGUSTO.

És intelligente e sympathico. Com a liberdade podes ser muito feliz, representar um papel importante no theatro do mundo, cujas scenas são constantes mutações.

PAULO (com sentimento.)

Não creio. Rajada da desgraça, a escravidão torna o homem horroroso á toda a gente, ignobil como os brutos, esteril como os rochedos! Seo bafo pestilento apaga a lucerna da intelligencia. As leis, esses contextos absurdos de barbarices, negão personalidade ao escravo, supprimindo a egualdade individual. A sociedade, cheia de preconceitos, considera o escravo como o christão o demonio. O contacto da escravi-

dão infama. Em torno do escravo só ha deserto, é como no seu interior, só ha inferno! Seu lugar é sempre o mesmo, a baixeza; não pode subir; não pode aspirar cousa alguma, o escravo não tem o direito de ser feliz. As palavras benéficas que proferio, se não são filhas de um coração innocente, são um engodo, e o escravo não precisa de compaixão, nem de engodo, obedece sempre; está immovel sempre. O chicote é sua consciencia, elle lhe dicta o seu dever, elle lhe imprime actividade.

AUGUSTO.

Tens razão, desgraçado, tens muita razão. Eu juro pela memoria de minha mãe... Olha que é a primeira vez que assim juro. Juro solemnemente pela memoria de minha sancta mãe que te resgatarei do jugo opprobrioso, que te farei homem, fazendo-te renascer para a liberdade. A liberdade é lustral como o baptismo, apaga todas as manchas; é salvadora como o lenho ensanguentado do Calvario, destróe a condição vil, iguala, honorifica. A ti, Paulo, que és intelligente e sensato posso dizer a verdade. De hoje ha alguns annos não haverá mais um só escravo na terra da Sancta Cruz, a lei fará livres a todos; porque a civilisação é fatal; porque a charidade é o fundamento da religião que professamos; porque a quêda do direito é como a quêda de Antheo, faz recobrar as forças. A idéa manumissora predomina e se desenvolve. Não observas o seu movimento? o seu rapido impulso? Não vês quantos nucleos emancipadores se formão por toda o paiz?

Já não ha festa nacional, já não ha solemnidade religiosa, já não ha alegria de familia, já não ha um só testamento que não consagre a idéa emancipadora.

PAULO.

Ha de surgir a luta dos interesses, ha de surgir a questão da morte da agricultura, como obstaculos invenciveis. A minha raça é maldicta!

AUGUSTO.

Por ti confia em mim, por tua raça confia na Providencia Divina, que é quem dirige todos os acontecimentos. Mais não te posso dizer. Vou para o baile, são horas de ir chegando. Se perguntarem por mim, dize que já os fui esperar. (Sáe.)

SCENA SEGUNDA.

Paulo e depois Ephigenia.

PAULO.

Parvo que é! Não imaginou que o escravo podia ser seu rival, e veio entregar-se nas suas mãos abrasadas pelo fogo do ciume. Imbecil, não ha despotismo contra o coração! Mas elle dice bem : a Providencia Divina é quem dirige todos os acontecimentos. Ella m'ô entrega, eu me desfarei d'elle. Ama sua prima. Tão

bem a amo. Desde o berço que a adoro, em silencio é verdade, porque sou escravo, e o escravo não póde render culto publico ao anjo que, se lhe sorrisse, converteria os grilhões do captivo em élos de ouro, reduziria a tenebrosa noute da escravidão á dia pleno de paraizo. Que importa que entre o escravo e a mulher livre tenham a barbarie, a estupidez e a impiedade cavado um abysmo insondavel, e n'elle sepultado direitos, affectos, intelligencia, sangue, vida, emfim tudo que póde haver de mais precioso? que importa? Que importa que ella moça, branca, livre, bella, rica, jamais me possa amar, jamais possa sentir por mim outros affectos mais sanctos, que a compaixão que inspira a desgraça, e a sympathia piedosa de irmã que se bebe no leite da mulher que nos amamenta juntamente com o seu filhinho? que importa? Que importa que não haja a minima esperanza para o escravo? A paixão que arde no peito que não é livre é paixão fatal, é paixão selvagem, é paixão indomita! Que lhe importa a ella seguir uma vereda sinistra? Chegue a seus fins, embora pelo crime, eis tudo.

EPHIGENIA.

(Soluçando) Oh Paulo, amanhã vou ser rigorosamente castigada.

PAULO.

É por tal que soluças?

EPHIGENIA.

É, sim.

PAULO (ironicamente.)

Estimò isso muito; porque se me tivesses querido ouvir, desde o tempo que estou todos os dias a bradar-te : Ephigenia, a natureza impõe a revolta do escravo contra o senhor—, amanhã serias rigorosamente castigada.

EPHIGENIA.

Meu Deos, eu sou a maior desgraçada do mundo!

PAULO.

A culpa é tua, porque és teimosa.

EPHIGENIA.

Mão! é este o amor que dizes me ter?

PAULO.

Oh Ephigenia, não te zangues. Se fallò-te com aspereza, é porque me sinto de não queres acceitar os meus conselhos. Do meu amor não pòdes duvidar. Bem estás lendo a minha afflicção no fundo de minha alma. Mas qual é o motivo do teu castigo?

EPHIGENIA.

O motivo foi eu ter respondido a iaiá Emilia que não podia fazer as cousas com a pressa que ella queria; porque tendo engommado toda a noute de hontem e todo o dia de hoje estava muito cansada e com muito somno.

PAULO.

Tão somente?

EPHIGENIA.

Iaiá D. Constança, assim que me ouvio dizer isto, saltou em cima de mim com quatro pedras na mão, e jurou mandar castigar-me amanhã, para que nunca mais eu tivesse somno, nem cansasso.

PAULO (ironico.)

A furia tem razão! Um escravo é um manequim, é um authomate; não póde refocillar-se, não póde participar da hora que o Creador marcou para o repouso geral da natureza; porque não entra no conjuncto dos seres que a comprehendem. Trabalhar, trabalhar, trabalhar é a sua lei. (Com vehemencia) O sol da redempção ha de surgir, monstros que nos roubaes até a hora do descanso!

EPHIGENIA.

Isto de captiveiro é peor do que o inferno!

PAULO.

Já?

EPHIGENIA.

(Com muito sentimento) Antes eu morresse logo; porque na frieza da terra ninguém soffre, e é só no fundo da sepultura onde o escravo póde encontrar a felicidade.

PAULO (com força.)

Morrer? Estás louca, rapariga? Morrer sem saborear o prazer da vingança? Morrer sem converter os algozes em victimas, e as victimas em algozes? Não! não! não! (Pausa) Ephigenia, quem atravessa o deserto ardente da escravidão deve chegar ao oásis da liberdade.

EPHIGENIA.

(Horrorizada) Porém sempre queres que eu... mate?

PAULO.

Que tem matar? É crime? Não ha crime que se não justifique. Quando os brancos precisarão de braços para a lavoura, atravessarão os mares e escravizarão nossos paes. Não seria isso um crime? A lei sancionou esse crime horroroso, permittindo o trafico da escravidão, reconhecendo como propriedade de outros—homens, que, como o genero humano inteiro, nascerão livres. A lei por um excesso de barbaridade postergou o

direito. Agora o direito postergue a lei em nome do que ha de mais sancto no mundo. O mal que se faz em defeza do bem não é mal, o crime que nos libertar da escravidão tornar-se-ha uma virtude; porque a moral impõe a cada um o dever de conservar-se a si mesmo, e a caridade preceitua que nos prefiramos aos outros nos beneficios, ouves, Ephigenia? Em 1823 o Brasil fez-se independente com as armas na mão, derramando sangue, em 1870 fez a independencia do Paraguay pelo mesmo modo. Depois d'esses dous factos não lhe é mais decoroso ter escravos. Assim como elle usou do direito de derramar sangue para fazer-se livre, usemos tãobem desse tremendo direito.

EPHIGENIA.

Não, Paulo, não sejamos ingratos.

PAULO (com força.)

Ingrato é aquelle que esquece e mal paga os beneficios recebidos! Quaes forão os que te fizerão? Pois algum dia foi beneficio tractar senhores humanamente a escravos? Se não fosse mera conveniencia, apenas seria ligeira retribuição de zelo, vergonha e intelligencia no trabalho. Quanto a mim agora. Queres fallar do mimo e carinho com que me crearão? da educação que recebi mais como filho, do que como escravo? dessa educação que nunca nenhum outro escravo recebeu? És muito tola, minha Ephigenia. Elles, que devião ser

gratos a memoria de minha mãe, que em seus peitos creou-lhes as filhas, elles, que sabem que eu sou seu irmão, fizeram-me conhecer as delicias do seu viver, encherão-me de luz a intelligencia somente por crueldade, para maior ser o meu martyrio, para que o jugo da escravidão me fosse mais doloroso e aviltante! Não, elles não me fizeram beneficio algum, forão ferozes para comigo, forão canibae! Se me tivessem amado e querido beneficiar ter-me-hião feito livre desde a pia baptismal. Então se eu levantasse o pensamento contra elles seria ingrato. Comprehendes?

EPHIGENIA.

Se o pensamento d'elles foi esse que dizes então foram malvados de mais.

PAULO.

Todo senhor é malvado de mais, é monstro, acredita-me. O senhor é sempre carrasco e o escravo é sempre victima. Entre senhor e escravo só pôde medrar odio, outra paixão é absurda. Porque vás tu ser chicoteada amanhã? Será porque te amem? Será por que o chicote seja um beneficio? Ephigenia, a natureza impõe a revolta do escravo contra o senhor! Ephigenia, a liberdade vale o supplicio do algoz!

EPHIGENIA.

Sou mulher, sou portanto compassiva ainda para

com a mão que me fere. A justiça das creaturas é Deos quem faz. Ninguem se deve vingar. Todos temos duas vidas. Aquelles que não pagão ou não gosão na primeira pagarão ou gosarão na ultima. E para lá que eu cito os que me offendem. Paulo, a alma não morre, o seu premio e o seu castigo estão lá em cima.

PAULO.

Deos?.. Inferno?.. Justiça eterna?.. Pobre tola! para que jogar com o sobrenatural? para que contar com o desconhecido? Nada de trevas, nada de cegueiras. Andemos terra á terra. É o mais seguro.

EPHIGENIA.

Tudo pôde ser, Paulo, tudo poderás conseguir de mim, menos apagar do meo coração a luz da esperança n'elle accesa pela religião em que fui creada.

PAULO.

Não teimarei, argumentemos com a religião. Quero convencer-te por meio d'ella. Escuta, o mesmo senhor que nos retalha de chicote, que nos faz soffrer, se no fim da sua vida arrepender-se de suas malvadezas, terá na eternidade o mesmo premio que nós—suas misereras victimas. Não é isto exacto? Pois bem, matemos, mas sejamos livres, e na hora da morte peçamos a Deos o perdão de nosso crime. Deos não nega mise-

ricórdia à ninguém; e mais lucraremos obtendo-a como livres, do que como escravos; porque já teremos fruido outros gosos, que como escravos nos são vedados.

EPHIGENIA.

É tão incerto o arrependimento final... ninguém sabe de que morte ha de morrer... póde-se endoudecer... morrer sem falla...

PAULO.

O arrependimento não é incerto. Deos o insinúa, porque Elle é o rei das misericórdias, e, como tal, quer a todos salvos. Todas as creaturas se salvão, porque Deos por um principio de justiça não lhes falta com o seu perdão, considerando a fraqueza da sua intelligencia, a sua miseria, e a intensidade das suas paixões. E quem nos assegura que ha inferno?

EPHIGENIA.

Paulo, não irrites o bom Deos, que póde vir um raio sobre nós.

PAULO.

É melhor que penses no teu castigo de amanhã. É melhor que penses nos castigos diarios que são applicados aos da nossa raça. Ephigenia, os açoutes são mortes lentas. A escravidão é morte moral. Ouve-me,

segue-me. A natureza impõe a revolta do escravo contra o senhor! Eu que te amo sou o pharol que deve illuminar-te no caminho da liberdade.

EPHIGEVIA.

Queres perder-me?

PAULO (intencionalmente.)

Quero salvar nosso filho que ha tres mezes trazes no ventre.

EPHIGENIA (impetuosa.)

Meu filho!... Oh pela salvação de meu filho eu farei tudo!

PAULO (imperativamente.)

Jura.

EPHIGENIA.

Porém meu filho, o innocentinho ha de nascer do crime? Não, não, não! Não quero que á mancha da escravidão elle junte essa outra mancha horrorosa! Seja escravo embora! Se para obter a minha e a sua liberdade, é necessario derramar sangue, envenenar alguem, por amor de meu filho eu desprezo a liberdade.

PAULO (com asco.)

Miseravel creatura! Mula!

importas que o innocentinho nasça da escravidão, seja cortado de chicote na tua presença!...

EPHIGENIA.

Quem ousará cortar-o de chicote na minha presença? quem? quem? quem? Paulo, eu esganarei o demónio que levantar mãos contra meu filho.

PAULO (ironico.)

Tu que te resignas a ser escrava?! tu que não sabes avaliar o que seja a liberdade?! tu que te familiarisas com o chicote?! tu que és insensível aos estímulos do pudor?! Ephigenia, o chicote doma todos os ímpetos de nobreza, destrói todos os sentimentos de dignidade! Amanhã serás chicoteada, depois não terás mais brio e vergonha!

EPHIGENIA.

Eu não posso argumentar contigo que aprendeste...

PAULO.

Aprende tú também agora. (Exaltado) Sobrê as cabeças das criaturas Deos só collocou os astros, Ephigenia, e no fundo das sepulturas Elle mesmo plantou a egualdade de tudo quanto é humano. Obedecemos-lhe, Epigenia; façamos-nos eguaes aos outros. Quebre-mos os ferros da escravidão, sejamos livres; porque

onde ha sujeição não póde haver egualdade. Não ha grandeza na terra sem liberdade. Sem liberdade não ha merito, ou demerito. A ausencia d'ella no homem é uma offensa aos attributos de bondade, sabedoria e justiça de Deos; põe mesmo em grave perigo a sua existencia. A liberdade é um atomo de divindade, e toda a creatura deve ter em si alguma cousa de Deos, sem o que não póde associar-se á sua gloria. É preciso, é imperioso, é urgente despedaçar as cadeias que a opprimem. Ouve essa voz interior que se chama consciencia, é a voz do ceo! Sejamos livres, embora a liberdade nos custe um rio de sangue; pois bem sabes que todas as idéas regeneradoras devem ser orvalhadas com sangue para poderem fructificar.

EPHIGENIA.

Estás muito exaltado; a ira esquece a verdade. Reflecte.

PAULO.

Reflectir?.. A reflexão agora é inutil. Ha resoluções á que a reflexão prejudica, susta, desvanece. A fatalidade nos impelle, o abysmo nos chama. Prosigamos, corramos após o seu chamado. Que é que arriscamos? Bem mesquinha cousa, a existencia do escravo! Seremos demonios, se triumpharmos; mas seremos felizes: seremos leprosos; mas teremos um ceo em torno de nós.

EPHIGENIA.

É assim que os demonios tentão. Amanhã responder-te-hei.

PAULO (imperativamente.)

Ou já, ou nunca.

EPHIGENIA.

Pões-me a faca aos peitos!

PAULO.

Tenho minha resolução tomada. Amo-te loucamente. Se dizes-me—sim, no dia do triumpho serás minha mulher; se dizes-me—não, sabes o que é isto? (Tira do bolso uma pistola.)

EPHIGENIA (Com medo.)

Uma pistola! Estás louco? Que pretendes fazer?

PAULO (em tom decisivo.)

Vamos, a tua ultima palavra. A idéa póde embriagar, mas nunca enloquecer. Escuta-me, eu te digo o que pretendo fazer. É muito simples. Olha bem para mim, e falla. (Pondo a pistola ao ouvido.) É aqui mesmo, faço um pequeno movimento com o dedo!...

EPHIGENIA.

Jesus!

PAULO.

Immediatamente uma detonação se fará ouvir, uma bala me despedaçará a cabeça...

EPHIGENIA.

É horroroso!

PAULO.

E meu corpo agonisante, banhado em seu proprio sangue...

EPHIGENIA (horrorisada.)

Ah!..

PAULO.

Comprehendes?

EPHIGENIA (angustiada e supplicante.)

Não, eu não quero que te mates. Peço-te de joelhos (Ajoelha-se.) Peço-te pelo amor de Deos, pelo amor de nosso filho, pelo nosso amor!

PAULO (declamando.)

Vive para a escravidão, vive para o chicote, que eu morro para resguardar a minha liberdade, para ao menos no pó da sepultura egualar-me com os meus verdugos! (Finge querer descarregar a pistola.)

EPHIGENIA. (Dá um salto e agarra-lhe no braço.)

Não, não, não! Eu jurarei. Queres que me torne desgraçada para salvar-te? Que me importa? Não te amo tanto? Não és o pae de meu filho?

PAULO (solemne.)

Pois jura que has de obedecer-me como o braço obedece a idéa, como a sombra ao corpo.

EPHIGENIA.

Juro. (Ha um momento de silencio.) Que fiz eu, meu Deos? Agora é tarde de mais!

PAULO (Guarda a pistola e tira do bolso um frasquinho.)

Dentro deste frasquinho estão trez cartas de alforria, a delle, a minha e a tua. (Estendendo o frasquinho á Ephigenia.) Eu te confio este thesouro. Não o desbarates. Mostra-te amiga dos teus senhores, finge todos os extremos por elles. Espreita, porém, occasião. Morre-se por muitas causas e por diversos modos.

EPHIGENIA.

Que é isto?

PAULO.

Pois não comprehendes?

EPHIGENIA (horrorisada.)

Ah!...

PAULO.

Guarda no seio, e silencio.

EPHIGENIA (recebendo o frasquinho.)

Treme-me todo o corpo. Meu Deos, perdôa-me. O amor é mais poderoso do que a consciencia. (Ouve-se passos.) Paulo, ahi vem gente.

PAULO.

Retira-te, e segredo.

EPHIGENIA (retirando-se.)

Venceste-me.

PAULO.

Depois de heroica resistencia, é verdade; mas (vendo-a sair) tenho remorsos d'isto, porque ama-me de veras, e eu engano-a, faço-a instrumento do mal.

SCENA TERCEIRA.

Paulo e Araujo.

ARAUJO.

Caramba! Cinco horas de anda mão e enfia dêdo.

(Sentando-se.) Cinco horas para duas cabeças sem juízo, meu Paulo!

PAULO.

Trez, se faz favor.

ARAUJO.

Trez o que, homem? Uma arranjou-se como pode. Ora estou vendo que és um forte pateta. Não entendes nada a respeito de mulheres.

PAULO.

Palavra de honra...

ARAUJO.

As que podem fazer sombra são guerreadas. Succede com ellas o mesmo que com os homens de grande capacidade. A mais alta, a mais velha, a mais bonita das duas moças...

PAULO.

Iaiá Aurora.

ARAUJO.

Isso, isso... penteiou-se a si mesma. E o caso é que ficou de matar!

PAULO (á parte.)

Pobre anjo!

ARAUJO.

Paulo, dize-me cá : essa moça é engeitada, é sobrinha, é protegida?...

PAULO.

É enteada de minha senhora.

ARAUJO.

Eu logo vi. Mas aquillo é que é ser bonita, hein? É triste, porém é um anjo, é uma estrella!

PAULO.

É flôr para jardim de outra estimação. O que tem de encantos eguala em dotes moraes. Seu pae é um monstro, sua madrasta um verdugo. Ah! se ella tivesse quem a fizesse feliz!.. (Á parte.) Maldicto ferrete é o do escravo!.. (Deixa cair uma lagrima, e limpa-a ligeiramente.)

ARAUJO.

Queres saber de uma cousa, Paulo? Fiquei muito apaixonado por aquella bella moça, e não se me daria de casar com ella; assim o pae quizesse me estabelecer uma lojinha... Ando aborrecido desta maldicta vida de caixeiro. Não sou difficil de contentar; porém, meu amigo, de pintos magros não se pôde fazer caldo gordo.

PAULO.

Porque não se propõe? Ella o ha de amar necessariamente. Qual é a mulher que não prefere um cabelereiro ao resto da humanidade?

ARAUJO.

Se houvesse alguma probabilidade...

PAULO.

Escreva-lhe.

ARAUJO.

Desse cavallo não caio eu. A probabilidade de que fallo é... a respeito da lojinha. Emfim mudemos de assumpto, que conversa sem proveito faz dor de peito. Se tem por ahi algum espirito, offereça-me uma gotta, que estou com a camisa cozida á pelle, e não quero expor-me á uma constipação, apanhando o ar frio da noute. Por causa de constipações esta cidade anda cheia de phthysicos.

PAULO.

Temos bom *Porto*.

ARAUJO.

Estimo muito, e basta-me uma vez.

PAULO.

Ha de esperar um pouquinho, em quanto vou buscar. Está muito á mão. (Entra.)

ARAUJO.

Se pilho a pequena e mais a lojinha... faço fortuna... o diabo é linda de fazer um sancto perder a *tranmontana* montana.

PAULO.

(Volta com uma garrafa e dous copos.) Aqui tem. Garanto-lhe a qualidade. (Enche os copos, e bebe um.) Ao seu futuro noivado.

ARAUJO.

Está brincando?... Pois acceito, que não sou como S. Thomé, e de mais a mais é desta massa que se faz os maridos das moças ricas. Paulo, Paulo, ao homem basta ser homem! Sabes tú o que eu era lá fóra na minha terra? Era um matuto de peccados, estúpido como um inglez bebado, e hoje sou um aprendiz de cabelereiro em via de mestre.

PAULO (rindo.)

Oh!

ARAÚJO (depois de beber.)

É bellissimo. Agora acender um charuto e tocar para casa, afim de metter alguma cousa no bandulho. Até esta hora ainda não jantei. São os precalços da profissão. Aceitas um dos meus charutos? São de Cachoeira, e em Havana não se faz melhores.

PAULO—(dando-lhe phosphoros.)

Pois não. Com muito gosto. (Accendem os charutos.)

ARAÚJO.

Hein?

PAULO.

Optimo!

ARAÚJO.

A pinga preservativa das constipações augmentou-me a fome. Parece-me que tenho um urubú nas tripas. Adeos, adeos, até outra vista. (Sáe.)

PAULO.

As ordens. (Sentando-se na cadeira de balanço.) Esperemos ainda. Gosto muito disto, fico perfeitamente á commodo. Signal é que não nasci para minha

condição. Quem sabe do meu destino? É a cousa mais facil do mundo saltar de um extremo a outro, quando nos ajuda o desconhecido. (Fechando os olhos, e fumando.) Vou sonhar á maneira dos poetas. As perspectivas da imaginação embriagão.

SCENA QUARTA.

Paulo e Constança.

CONSTANÇA (Vem preparada com luxo.)

{Gritando} Ora vejão! que desaforo! moleque!

PAULO.

(Engasgando-se com a fumaça e saltando da cadeira.) Ah!

CONSTANÇA.

Como está tudo isto cheirando a fumo!

PAULO.

(Querendo esconder o charuto, queima-se.) Uil... Uil...

CONSTANÇA (furiosa.)

Na minha cadeira de balanço!

PAULO (humilde.)

Minha senhora...

CONSTANÇA.

Eisahi em que dá crear-se escravos com mimo. Perdemos-nos o respeito, e fazem-nos d'estas e d'outras!

PAULO.

Eu não, senhora, era, foi, sim, o cabellereiro que...

CONSTANÇA.

Que o que, patife?

PAULO.

Que fumava.

CONSTANÇA.

Onde está elle?

PAULO.

Foi-se.

CONSTANÇA.

E como te queimaste?

PAULO.

Na ponta de charuto que elle deixou sobre o console.

CONSTANÇA.

E como te assustaste e como te engastaste?

PAULO.

Estava distraído, não esperava... sou tão nervoso!...

CONSTANÇA.

És muito nervoso? Pois eu tenho remedio efficaz para os teus nervos. Que de Augusto?

PAULO.

Já foi para o baile, dice que ia esperar.

CONSTANÇA.

Vae chamar teu senhor. Dize-lhe que sendo mulher apromptei-me primeiro do que elle.

PAULO.

Sim, minha senhora.

CONSTANÇA.

Se de outra vez encontrar-te fumando e sentado nas cadeiras da sala, mando cortar-te de chicote.

PAULO (saindo, á parte.)

Chicote!... (Faz um gesto comico.)

CONSTANÇA.

Este mulato está perdido, e insolente como ninguém! É preciso vendel-o, que não tenho animo de o ver castigar. (Mirando-se ao espelho.) Oh! estou soberba! É impossivel que appareça alguma mais *chik* do que eu! A minha modista tem dèdos divinos! Realmente hoje produzirei fascinação!

SCENA QUINTA.

Constança e Emilia.

CONSTANÇA.

Quasi que não acabava.

EMILIA.

Oh! mamãe, não é tão facil substituir do *deshabillé* domestico pela elegancia do salão. Vai n'isto uma transformação completa.

CONSTANÇA.

A lambisgoia da Aurora?

EMILIA.

Ficou se calçando.

CONSTANÇA.

Ainda? É mesmo uma preguiça.

EMILIA.

Creio que ella ahi vem.

SCENA SEXTA.

Constança, Emilia e Aurora.

AURORA.

(Ricamente trajada) Minha madrasta, apresento-lhe as minhas desculpas, por me ter demorado muito.

CONSTANÇA (com enfado.)

Ha duas horas que a espero.

AURORA.

Não tive quem me penteasse, e mucama que me ajudasse a vestir.

CONSTANÇA.

Para que tem duas mãos, e vinte annos no costado, minha invejosa?

AURORA.

Fiz o que pude.

CONSTANÇA.

E ficou ridicula como uma figura de carnaval!

AURORA.

É injusta.

CONSTANÇA.

Vá mudar este vestido antes que seu pae chegue, que está parecendo uma jaca mettida n'uma fronha de sêda.

AURORA.

É o melhor que tenho.

CONSTANÇA.

Pois então não irá na minha companhia, que não quero levar surriada dos gaiatos.

AURORA.

Resignar-me-hei a ficar. É a minha sorte. Que mal me faz não dançar uma ou duas quadrilhas?

CONSTANÇA (jurando-a.)

Seu pae não tardará.

AURORA.

(Com os olhos rasos de lagrimas e as mãos erguidas para o Ceo.) Oh! minha mãe que estás na eternidade, oh! minha unica e sancta amiga, porque me concebeste e me déste a luz? porque não me estrangulaste, quando soltei o primeiro vagido? porque me desamparaste na terra, e não me levaste no teu carinhoso regaço, quando os anjos te chamarão para a sua ditosa morada?

SCENA SETIMA.

As mesmas, e Nabuco.

NABUCO.

Aqui estou, senhora impertinente. Vamos. Nada de demorar. São horas. Os bailes do commendador começão cedo. Aquelle commendador é muito excêntrico.

CONSTANÇA.

D'aqui, ou eu, eu sua filha.

NABUCO.

Ah! temos novidade! Que ha?

CONSTANÇA.

Pois o Senhor não tem olhos? Não vê como ella está
exquisita e ridicula?

NABUCO.

Aurora, deixa ver-te, deixa examinar-te. É preciso
paciencia de sancto. E case-se um homem! (Exami-
nando Aurora.) Ora, Constança, onde é que está o
ridiculo? Tambem assim é de mais! Só parece que fi-
zeste proposito de matar moralmente esta creança!
Aurora está soberba!

CONSTANÇA.

(Susceptibilizada.) Senhor Nabuco!...

NABUCO (rindo.)

Os louros de Cesar incommodão a Pompêo.

CONSTANÇA (com enfado.)

Sua filha merece mais epigrammas e indirectas.
Ahi está porque ella torna-se cada vez mais atrevida.
(Com força) Ahi está porque ella furtou o meu brace-
lete!

AURORA (fuminada.)

Eu?!

NABUCO (espantado.)

Que bracelete, senhora?!...

CONSTANÇA.

O de brilhantes, que hontem lhe dice tinhão fur-
tado.

NABUCO.

Pois é possivel?!.

CONSTANÇA.

Interrogue Ephigenia, que o foi levar por mando
d'ella áquelle que deve...

AURORA (com a voz preza á garganta.)

É... é... mentira!

NABUCO (encolerizado.)

É de mais! basta.

CONSTANÇA (com máo modo.)

Eu não perco o meu bracelete.

NABUCO.

Não vou mais ao baile. Vão todas para dentro, fique somente Aurora.

CONSTANÇA.

Não será esta hypocrita que lhe confessará a verdade. Vamos, Emilia; vamos, minha filha. (Retira-se com Emilia.)

SCENA OITAVA.

Nabuco e Aurora.

NABUCO.

(Cae fulminado na cadeira.) Ah! desgraçada, por que me deshonraste duas vezes? (Tapa o rosto com as mãos e soluça.) Tu a quem eu tanto amava!... Ingrata!... Porque não me assassinaste?... (Momento de silencio) Sinto o inferno dentro de mim!... Soluça.)

Que tempestade horrorosa!... Minha razão desvairase, minha alma sossobra, meu coração fende-se! (Momento de silencio.) Duas vezes deshonrado!... Semelhante castigo é bem merecido! (Soluça.)

AURORA.

(Com dignidade, pousando-lhe a mão sobre o hombro.) Meu pae, ambos nós somos victimas, eu da calumnia, Vm. do despeito, acredite.

NABUCO (erguendo-se.)

Dizes a verdade, Aurora?

AURORA.

Que outra cousa póde dizer a innocencia, se não a verdade?

NABUCO.

É possivel que aquella mulher seja tão perversa?!.

AURORA.

É madrasta!...

NABUCO.

Queres dizer... inimiga figadal.

AURORA.

Meu pae, sua honra não corre perigo. Meu coração está isento de affectos desordenados, como estas mãos de furto. Tudo que se me imputa é calumnia.

NABUCO (com desconfiança.)

Outra não pode ser a tua linguagem.

AURORA.

(Susceptibilisada.) Meu pae!... Dóem-me mais estas palavras, do que me prejudica o veneno da mulher que me odeia de morte, e jurou perder-me, ou esmagar-me. O bracelete não está roubado, e sim propositalmente occulto. Chame Ephigenia á sua presença, a mesma que se mandou chamasse contra mim, chame e interrogue-a á minha vista. Ella ha de confessar que é complice de minha madrastra.

NABUCO.

Não desço á pedir explicações a uma escrava sobre a honra de minha familia. Seria infamia. Quero ser martyr, mas não quero que os meus escravos atirem sarcasmos contra o meu martyrio. Aurora, a vergonha e a dôr são egoistas. Não se lhes roube o isolamento e o silencio... não... seria crime...

AURORA.

Mais tarde ou mais cedo se ha de fazer luz. A evidencia ha de mostrar-lhe a verdade.

NABUCO.

Deos o permitta. No entretanto está enfraquecida a minha força moral no seio de minha familia. Os meus famulos tem o direito de desrespeitar-me. Hei de praticar um acto de energia, para que assim não succeda. Não quero mais a peste da escravidão no seio de minha familia; pois que o mal deve se cortar pela raiz, antes que se desenvolva. Amanhã venderei, para o Rio Grande ou Minas, Ephigenia, Paulo e todos os mais escravos. Tú irás para um convento, e tua madrastra para onde bem lhe convier; porque nos desquitaremos. O calix dos meus soffrimentos, já transborda! Minhas forças são mesquinhas para tão tormentoso supplicio!

AURORA.

Meu pai, já lhe dice : sou innocente.

NABUCO.

Deos o permitta. Não obstante é necessario que se

dê uma revolução completa em minha vida. O caso é melindroso, não quero usar de força; pois estimo em muito a prudencia. Lembra-te que sou teu pae, e que me debes ser obdiente. Amanhã quero que me confesses a verdade. Pede a Deos que te inspire. Pensa bem, teu pae não será algoz. (Retira-se.)

SCENA NONA.

Aurora e Paulo, que estaca á porta a ouvir Aurora.

AURORA (chorando.)

Oh! meu Deos, se eu pudesse encontrar um pouco de veneno!... Até este recurso me fallece. Que me resta pois? Chorar! Chorarei. Que fizestes vós sobre a terra, divino Senhor? Chorastes tambem! Vossas lagrimas glóricarão todas as lagrimas, converterão-nas em balsamo consolador, fecundarão-nas de esperanças. Chorarei!

PAULO (com força.)

Não ha de chorar, ha de vingar-se.

AURORA.

Ah!... és tú... Paulo? Que dizes?

PAULO.

Eu mesmo. Tudo ouvi, tudo sei, e prometto vingal-a.

AURORA.

Oh! não!

PAULO.

Nas veias de minha senhora corre o sangue de minha mãe. Eu sou seu irmão de leite.

AURORA.

Sei-o.

PAULO.

A affronta que recebeu dóe-me tambem. Aqui (indica o peito) pulsa um coração que sabe sentir. Não lhe ouve as pancadas? É um coração de escravo, mas é um coração nobre; é um coração de escravo, mas é um coração de irmão.

AURORA.

Obrigada, Paulo.

PAULO.

A sombra de minha mãe apparece-me todas as noites para me recommendar que a adore. Eu tenho o orgulho de saber honrar a memoria de sua mãe de leite. Hei de vingal-a, porque a sombra de minha mãe o quer.

AURORA.

Paulo, os mortos não consagrão a vingança.

PAULO.

A vingança é necessaria aos vivos. A madrasta ha de morrer, porque insultou-a.

AURORA.

Que dizes? Eu não quero isto. Peço-te como irmã. Imponho-te como amiga. Tem piedade de mim. Queres que me ajoelhe a teus pés?

PAULO.

Ha de arrepender-se de ser generosa.

AURORA.

Do bem nunca ninguem se arrepende.

PAULO.

Seja embora generosa, seu irmão não será. Minhas instrucções estão dadas. Ella morrerá pela manhã.

AURORA.

Miseravel!...

PAULO.

Pois então hão de inquietal-a toda a vida os remorsos de minha morte.—Miseravel, é mesmo a palavra que eu devia ouvir. Miseravel!... Para que me serve mais viver? (Tira a pistola.) A existencia me causa tedio e horror. Morrerei.

AURORA (supplicante.)

Paulo, por tua mãe. Meu irmão, pela mulher que nos amamentou.

PAULO.

Quando todos estiverem dormindo, Paulo deixará de existir. (Sahindo.)

AURORA.

Oh! Paulo, Paulo!... Tudo é baldado! Não sei o

que faça. O meu condão é de morte. Tudo que se aproxima de mim dobra-se ao pezo de minha influencia fatal. Parece que os Ceos me amaldiçoarão. Deos, Deos, porque me desamparaes?

SCENA DECIMA.

Aurora e Augusto.

AUGUSTO.

Deos não te desampara, minha prima.

AURORA.

Augusto!...

AUGUSTO.

Não blasphemes. Eis-me á teu lado. Sou teu amigo, serei teu protector. Não és por ventura a mulher que adoro, o meu sonho, o meu enlevo?

AURORA.

Se souberes o nome infame que eu tenho agora, talvez fujas de mim.

AUGUSTO.

Eu fugir de ti? És injusta. És ingrata. Dize, dize : que nome é esse?

AURORA.

Ladra.

AUGUSTO.

Ladra?!...

AURORA (chorando.)

E... tenho horror de dizer... deslustrada!...

AUGUSTO (fulminado.)

Ah!

AURORA.

Diz minha madrasta que furti o seu bracelete de brilhantes para dar de mimo a um homem...

AUGUSTO.

A mim, talvez?

AURORA.

Não proferio nome algum. Talvez esse nome seja alguma nova infamia que reserve para mais tarde.

AUGUSTO.

Então é essa a causa porque não forão ao baile?

AURORA.

E.

AUGUSTO.

Não tenhas receios.

AURORA.

Paulo, veio offerecer-se para vingar-me...

AUGUSTO.

É uma alma dedicada,

AURORA.

Como eu rejeitasse o seu offerecimento, ameaçou-me com a sua morte.

AUGUSTO (pensativo.)

É singular.

AURORA.

Meu pai parece duvidar de mim. É o que mais me veixa. Propõe-se incerrar-me em um convento.

AUGUSTO.

Não o fará.

AURORA.

Quero morrer, Augusto; porque a morte findará minha desgraça.

AUGUSTO.

Queres morrer? Aurora, eu não esperava ouvir de ti esta confissão amarga. Queres morrer? Reflecte bem. Se morreres, não só arrastar-me-has á sepultura, como deixarás infamada a tua innocencia. Morrer!... Ingrata! (Ajoelha-se.) Tem piedade de mim; vive, Aurora, vive para minha felicidade, vive para continuares a ser um anjo, o anjo de meu futuro.

AURORA (dando-lhe a mão.)

Calumniada! infamada! perdida!?...

AUGUSTO (beijando-lhe a mão.)

Tú és pura como uma sancta. (Erguendo-se) Oh! saltaria-me uma idéa excellente. Na casa do joalheiro onde meu tio comprou aquelle bracelete havia outro igual. Pol-o-has no lugar do furtado. Dirás que tinha escorregado e ficado occulto entre algumas peças de roupa. Ella ficará confundida e envergonhada, passará por mentirosa.

AURORA.

Assim parece-me que irá por terra a calúnia; porém...

AURORA.

Horas depois pedir-te-hei a meu tio.

AURORA.

Oh! meu Augusto, és um anjo! (Atira-se-lhe aos braços.)

AUGUSTO.

Não, minha prima, sou apenas o homem que arde de amores por ti.

AURORA.

Obrigada, Augusto. Sinto-me tão feliz que fogem-me as forças, a razão e a vida... (Desmaiando.)

AUGUSTO (amparando-a.)

Em todos os transe de tua vida levanta os olhos para o Ceo, que é de lá que nos vem todo auxilio. O prazer de Deos consiste em fazer triumphar a innocencia; em quanto o prazer do homem em obrar a iniquidade. Tu has de triumphar; porque a verdade é luz que brilha no meio das trevas mais espessas.

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

Acto Segundo.

A mesma decoração do primeiro acto.

SCENA PRIMEIRA.

PAULO (só.)

(Occupado em varrer a sala, sacudir a mobilia, tapetes, etc.) Ainda bem o dia não amanhece, e já este massante serviço! Póde haver nada mais estúpido e vil, do que varrer salas? Brevemente isto estará acabado. Ephigenia lá anda em actividade. Á esta hora um está á ficar de menos. Quando se fôr o velho, quando se fôr o Sr. Augusto... (Dá uma gargalhada.) O paspalhão tomou ao serio o carapetão do suicidio, e ingenuamente foi esta noute ao meo quarto convencer-me de que devia viver, para ser o seu... *mercurio!* (Pausa.) Eu matar-me, eu que tenho tanta cousa importante á fazer n'este mundo?!... Póde descançar, Sr. Augusto, antes de morrer este seu criado, promette en-vial-o de mimo ao diabo. Bem, a sala já está prompta. Descancemos um pouco. (Senta-se na cadeira de balanço.) Oh! como isto é bello! (Ouve pizadas.) Com os diabos!... conspirão contra mim. (Levanta-se.) Ah! vem gente. Nada, nada, não quero mais graças. (Põe-se a limpar as serpentinas, e etc.)

SCENA SEGUNDA.

Paulo e Nabuco.

NABUCO.

Agasalhei-me cêdo, e, mal ribomba o tiro do forte, eis-me de pé. Tormentosa foi a longa noute que passei. Não pude dormir, nada de somno, somente tribulações e borrascas interiores!...

PAULO (á parte.)

Não sabe quanto estimo, seu pedaço de ingrato.

NABUCO.

Sinto que me envelheci vinte annos. O homem que tem juizo não contrahe os laços do casamento, fallazes nos seus bens e nos seus fructos; porque, se devorado pelo tedio da vida celibataria, vai após as doçuras da vida intima, encontra os caprichos absurdos, quando não as loucuras de uma mulher sem pudor, ao mesmo tempo que lhe salteião pezares e desgostos que accarreta o ter filhos. Filhos!... Filhos são valvulas de agonias que se abrem para o coração dos que os gerão.

PAULO (á parte.)

Diz-me cá uma cousa, que, em quanto elle perde, eu ganho. É a sorte que está se pondo á meu lado.

NABUCO.

Não podia ter eu deixado de padecer tanta amargura? Felizmente nunca é tarde de mais para emendar-se aquelle que erra.

SCENA TERCEIRA.

Os mesmos e Emilia.

EMILIA (correndo e assustada.)

Papae, papae?

NABUCO (sobresaltado.)

Que é, Emilia? que é minha filha? Que succedeu? Estás tão pallida! Falla.

PAULO (á parte mas significativamente.)

Ephigenia e o frasquinho.

EMILIA.

É que a mamãe ia sendo victima n'este momento!

NABUCO (espantado.)

Victima de que?

EMILIA.

De veneno.

NABUCO.

De veneno? Oh! é inaudito!

EMILIA.

Deitaram veneno no seu mingáu.

NABUCO (veixado.)

Manda chamar um medico á toda pressa. Paulo aqui está. Anda, Paulo, corre.

EMILIA.

Não é preciso.

NABUCO.

Porque?

EMILIA.

Aurora arrancou-lhe a chicara das mãos, antes que a chegasse nos labios.

PAULO (á parte.)

Desgraça!

NABUCO (meditando.)

Aurora arrancou-lhe a chicara das mãos? Estranha revelação! Então ella sabia?!...

EMILIA.

Sabia, e praticou uma acção generosa. O caxorri-
nho estava deitado sobre o tapete, bebeu o mingáu,
e minutos depois morreu.

NABUCO.

Então sabe quem foi o proprietario?

EMILIA.

Minha mãe suspeita de Aurora, mas...

NABUCO (surpreso.)

Como? de quem lhe arrancou a morte dos labios?

EMILIA.

Diz que aquillo foi uma scena comica.

NABUCO (indignado.)

Porém é inadmissivel!

EMILIA.

Sabe-se perfeitamente que foi Ephigenia.

PAULO (á parte.)

Não vá Ephigenia trahir-me.

EMILIA.

Todas as provas são contra ella.

PAULO (á parte.)

Minha posição é critica!

EMILIA.

Alli está Paulo que póde dizer-lhe a verdade. Foi por intermedio d'elle que Aurora soube, para acudir tão á tempo de salvá-la.

NABUCO.

Paulo, porque não me diceste nada?

PAULO.

Quando eu soube, procurei a vosmencê, e como já estivesse com a porta do seu gabinete fechada, participei a iaiá Aurora.

NABUCO.

Porque Ephigenia queria envenenar sua senhora?

PAULO (á parte.)

Salvemos-nos (Alto.) Eu não sei... Ella convidou-me... minha senhora morreria hoje... vosmencê trez mezes depois...

NABUCO.

Pois eu tambem deveria ser envenenado?

PAULO.

Se não fosse eu... O plano de Ephigenia era acabar aos poucos com a familia, roubar e fugir para os sertões, onde passaria por forra. Eu prometti-lhe complicitade, porém trahi-a; porque a amizade que tenho a meus senhores, e minha consciencia a isso me obrigarão.

NABUCO.

És uma alma generosa e nobre. Na escravidão, na escoria da humanidade, nas postulas d'esta peste que envenena o corpo social, encontra-se as vezes amigos como tú. Prometto-te que não te arrependerás do bem que fizeste.

PAULO (com modestia.

Fiz o meu dever. Não tive em vista recompensa alguma.

NABUCO.

Ephigenia é uma mulata do diabo. Hei de mandar açoutal-a, na Correção, até que morra.

EMILIA (commovida.)

Não, papae, venda-a antes, eu lhe peço. O escravo açoutado degenera.

NABUCO.

Ella ha de confessar como foi esse negocio do bracelete, ao qual seguio-se logo á tentativa de envenenamento.

PAULO.

Ella o tem, eu o vi. Se foi ella quem roubou, isso é que não sei.

NABUCO.

Ella o tem? O infortunio entrou n'esta casa pela porta por onde entrou essa mulata intrigante e descarada. Paulo, chama dous policias, e leva-a para a Correção já e já, que não quero vel-a mais nos meus olhos. Amanhã será vendida para o Rio Grande do Sul ou Minas.

PAULO (á parte.)

Ah! agora respiro. (Alto.) Sim senhor. (Querendo sair.)

NABUCO.

Augusto ainda ahi está?

PAULO.

Não senhor; foi muito cêdo para o escriptorio.

NABUCO.

Vae, vae depressa, toma o *bond*, leva Ephigenia; e chama Augusto para fallar commigo.

PAULO (saindo.)

Sim senhor. (Á parte) Escapei de bôa!

NABUCO.

Vê tu, Emilia, o que são escravos? Todos nós ameaçados! Mas de toda a desordem que reina em minha casa eu sou o grande culpado; já por não ter sabido arredar para longe de mim a serpente da escravidão, já por ter sido um marido fraco de mais, um marido que se vergava a vontade de sua mulher. Tudo, porém, agora vae mudar de face. Amanhã esta casa será um paraizo.

EMILIA.

Sim, papae; Deos o permitta.

NABUCO.

Vae ver tua mãe. Se houver mais alguma novidade, corre á avisar-me.

EMILIA.

Pobre mamãe! Se tem tomado o mingáu, estava morta! (saindo.)

NABUCO.

E eu em posição critica... ella envenenada, sem ainda completar-se um dia que requeri divorcio! Todas as suspeitas reverterião sobre mim. (Passeiando.) Estou ancioso que Augusto chegue. Muito preciso falar-lhe. N'elle tenho todas as minhas esperanças. É a minha taboa de salvação. Se comprehender a minha dôr, não me recusará o balsamo. Seu coração é bom. Oh! se acaso elle amasse a minha filha... Meu Deus, eu invoco a vossa Providencia. Ah! se a mocidade se mirasse no triste espelho da velhice!...

SCENA QUARTA.

Nabuco e Ephigenia.

EPHIGENIA (lançando-se lagrimosa aos pés de Nabuco.)

Meu Senhor!

NABUCO.

Que é isto, negra?

EPHIGENIA.

Por alma de sua mãe, pela hostia consagrada, pelo sangue de Christo, me perdõe, meu Senhor.

NABUCO.

Deixa-me, solta-me as pernas, desgraçada.

EPHIGENIA.

Eu não tenho a culpa; eu fui engada. Quando vosmencê souber de tudo!... Ai, meu Senhor, me perdõe por alma de sinhá velha.

NABUCO.

Nada tens de soffrer; vendo-te para o Rio Grande do Sul ou Minas...

EPHIGENIA (dá um grito.)

Ah! isso é que eu não queria.

NABUCO.

Não é matando os tocados pelo contagio que se consegue expulsar a peste e forrar a sociedade dos seus máos fructos. Eu não quero mais escravos. Não quero mais inimigos surdos no seio de minha familia. Aos que merecerem libertarei, e aos que forem indignos venderei para as provincias do Sul.

EPHIGENIA.

Ah! meu Senhor, pelo amor de minhas senhoras moças, tenha pena d'esta desgraçada, que enganada por...

SCENA QUINTA.

Os mesmos e Paulo.

PAULO.

Meu Senhor, não me foi preciso ir até ao escriptorio, encontrei na altura do gazometro meu senhor Augusto, que se dirigia para cá. Elle ahi está, entrou, foi lá dentro ter com as senhoras primeiro. Os soldados trouxe-os do caminho, estão ahi fóra na porta.

NABUCO.

Ephigenia, segue a Paulo.

EPHIGENIA.

Falso!... Mandou-me botar veneno, e descobrio-me! Meu Senhor, eu morreria calada sem dizer a verdade, porém como Paulo fez o que fez commigo não estou mais por nada, confesso a vosmencê que foi elle, que é elle o verdadeiro criminoso.

PAULO (com sangue frio.)

É mentira.

NABUCO.

Ephigenia, Paulo é o meu salvador. Tu pretendias envenenar-me tambem. Se não fosse elle, esta casa estaria agora coberta de lucto. Segue-o, pois, não me peças mais, não ha perdão para ti! Paulo, agarra-a, leva-a.

PAULO (segurando-a pelo braço.)

Vamos, Ephigenia, venha, que suas mentiras não lhe aproveitão.

EPHIGENIA (dramaticamente.)

Pois heim, irei. Que me importa o captiveiro na Bahia, ou no Rio Grande?... Tudo é ser escrava. Irei.

Vamos; porém maldição sobre ti, Judas! Meu Senhor, o braço que executava o mal affasta-se; porém fica a cabeça que o imaginava e o coração que o desejava. Ephigenia vae; mas o inimigo fica. Meu Senhor, trema. (Sae acompanhada por Paulo.)

PAULO (dramaticamente.)

Não, meu Senhor, vae-se o algoz, mas fica o sentinella vigilante, o escravo amigo.

NABUCO.

Hei de ver-me livre de todos. Castigal-os-hei com a venda. Agora estou eu bem certo do quanto é pernicioso ter escravos. Vêde quaes são as riquezas que nos deixão : o vicio, a corrupção, a immoralidade, o escandalo e o crime! Oh! é preciso que cada um tracte de expellir a escravidão de ao pé de si, de banil-a do seio do seu paiz. Na America, na patria de Washington, Franklin e Lincoln só deve medrar a liberdade, mensageira da abundancia, do prazer, do progresso e da luz.

SCENA SEXTA.

Nabuco e Augusto.

AUGUSTO.

Bons dias, meu tio.

NABUCO.

Bons dias, Augusto. Senta-te, que tenho muito á conversar contigo.

AUGUSTO (sentando-se.)

Sou todo ouvidos.

NABUCO (com gravidade.)

És moço, bem sei; mas és meu sobrinho e meu amigo.

AUGUSTO.

Sempre tive essa vangloria.

NABUCO (idem.)

Assim como nos meus mais graves negocios commerciaes sempre consultei-te, assim tambem sobre um factio transcendente de minha vida domestica quero agora ouvir a tua opinião, para mim de muito critério.

AUGUSTO.

Lisongeia-me e surprehende-me.

NABUCO (commovido.)

É caso de honra, meu sobrinho. A quem ouvir se não a ti? Havia de expor-me a irrisão? sou muito desgraçado! Se tu soubesses! Se soubesses quanto tenho soffrido de hontem para hoje! (Soluça.)

AUGUSTO (commovido.)

Oh! meu tio, sei de tudo, sei perfeitamente de tudo. Vosmencê, é victima do genio de minha tia. Eu juro que minha prima é innocente. Mande correr o guarda roupa, o bracelete lá estará. O que minha tia queria era perder minha prima no seu conceito, para vel-a soffrer. A calunnia é muito absurda, e a inveja é por de mais villan. Em nome da dignidade e da honra de minha prima, em nome das cinzas de sua mãe, eu protesto do trama miseravel urdido contra minha prima.

NABUCO.

Mas...

AUGUSTO.

Reflexione meu tio. Se minha prima fosse criminosa não acabaria de arrancar minha tia das garras de uma morte, para que ella de modo algum concorria, guardaria silencio, deixaria perecer a sua accusadora; para assim lograr a impunidade.

NABUCO.

Como pae, como homem de bem é meu dever...

AUGUSTO (solemnemente.)

Minha prima é um anjo. Eu creio na sua pureza. E tanto creio que dar-lhe-hei sem hesitação o meu nome, se vosmencê... Ella para mim é a felicidade. Meu tio, eu a adoro: Permitta-me semelhante confissão.

NABUCO.

Pois bem; pois sim, sê tú o seu esposo: tambem eu serei feliz com isso.

AUGUSTO (radiante de satisfação.)

Meu tio!...

NABUCO (abraçando.)

Olá, rapaz, não me enteneças. Gostas da rapariga? Pois casa com ella. Está feito. Isto mesmo eu planejava; como pae, porém, não devia, nem podia offerecer-t'a. Sabes tu de uma cousa? Agora rasgão-se para mim novos horisontes. Tirei uma montanha dos peitos, e respiro mais livremente. Como que a vida me renasce. Sim, sim renasce, sem injeção de alheio sangue... Minha honra lustra de novo. E si se achar o

bracelete? Heim? Tu sabes de uma cousa, Augusto? has de casar hoje mesmo, que eu quero acabar com o resto de minha familia, e no primeiro paquete embarcar para a Europa.

AUGUSTO.

Acabar com o resto de sua familia!

NABUCO.

Sim, então que tem lá isso? Quero acabar, porque não quero mais escravos...

AUGUSTO.

A escravidão é um cancro que devora alastrando-se.

NABUCO.

Nem mais mulher, nem filhas. Casarei uma, e outra irá para o collegio allemão completar o seu ensino, quanto a tua tia divorciar-me-hei d'ella. Comprehendes? Não podemos viver unidos. Minha petição lá anda pelo juizo ecclesiastico.

AUGUSTO.

Comprehendo e penso que obra acertadamente.

NABUCO.

Pois então vae, vae tractar dos papeis.

AUGUSTO.

Sim senhor. Previna-se, porém, contra Paulo. Eu desconfio summamente d'elle. Ephigenia, por si só, não poderia conceber tanta maldade. Paulo joga com pão de dous bicos.

NABUCO.

Vae, vae, rapaz, e não te dê isso cuidado.

AUGUSTO.

N'um momento.

NABUCO.

Sim, vae, avia-te. (Augusto sae.) Graças meu Deos, mil graças. Ainda não houve infortunio em que vossa Providencia não velasse pelo que soffre.

SCENA SEPTIMA.

O mesmo e Constança.

CONSTANÇA (desabrida.)

Então, senhor Nabuco? e então? Que lhe havia eu

dicto? Convença-se. A cegueira voluntaria é uma cousa digna de irrisão.

NABUCO (irrisoriamente.)

E então, minha mulher?

CONSTANÇA.

É inteiramente exacto, é verdade provada... sua honra corre perigo.

NABUCO.

Fará o favor de explicar-se, na certeza porém de que as suas más novas não tem mais a virtude de impressionar-me.

CONSTANÇA.

É que...

NABUCO.

É que?...

CONSTANÇA (com força.)

Quando o brio e a dignidade calejão...

NABUCO (com vehemencia.)

Silencio, senhora; previno-lhe que não torne a usar de phrase semelhante, porque moralmente estão desatados os laços que nos união, e de amanhã em diante o divórcio juridico indicará á cada um de nós o norte que deve seguir.

CONSTANÇA.

O divórcio não póde ser castigo, nem reprimenda, para esposos como nós é uma medida necessaria. Eu o almeijava mais do que o senhor. Se o não solicitei, é que vedava-me o pudor, que é o apanagio de toda a mulher.

NABUCO.

Não carecia dizel-o.

CONSTANÇA.

Não foi n'este proposito que vim ter com o senhor. Vim communicar-lhe que o meu bracelete não foi furtado.

NABUCO.

Tanto melhor.

CONSTANÇA.

Tanto peor. Ouça-me e julgue. O meu bracelete houvera escorregado e se occultado sob as dobras de

um vestido. Ainda ha pouco achei-o; mas qual não foi a minha surpresa quando a seu lado encontréium outro igual, semelhante, identico!?!...

NABUCO (admirado.)

Oh!... Isso sem duvida foi gracejo de alguma fada.

CONSTANÇA (com força.)

Não, isso quer dizer que a sua honra corre serio perigo, ou antes está inteiramente perdida; isso quer dizer que sua filha, para convencer-me de falsaria, vendeu-se a um escravo, que o roubou, para comprar um d'estes braceletes. (Apresenta dous ricos braceletes de brilhantes inteiramente irmãos.)

NABUCO (indignado.)

Isso é uma infamia.

CONSTANÇA (triumphantemente.)

Agora sabe a causa porque eu devia morrer envenenada hoje, e o senhor talvez dias depois?

NABUCO (com aspereza.)

A senhora é o genio do mal!

CONSTANÇA (rindo-se.)

Bello genere de consolação!

NABUCO (em tom decisivo.)

Hoje Aurora casará com Augusto. Ficarã livre da sua perseguição e da sua lingua.

CONSTANÇA (gravemente.)

Senhor Nabuco, a amante de Paulo, não pode ser a esposa de seu sobrinho, a menos que...

NABUCO.

(Avançando para Constança com os punhos cerrados.) A senhora obriga-me a commetter...

CONSTANÇA.

Avance, mas lembre-se que para os assassinos ahi temos o Engenho da Conceição.

NABUCO (com raiva.)

Abusa da minha prudencia, abusa da sua posição!... É melhor que suma-se da minha vista.

CONSTANÇA.

Teve medo? Pois sim, retiro-me, porque já lhe disse o que pretendia.

NABUCO.

O veneno que pela segunda vez derramou sobre a reputação de minha filha evaporou-se antes de manchal-a.

CONSTANÇA.

A verdade o convencerá! (Sae.)

NABUCO.

Tudo que diz esta mulher é mentira. Sua ambição é a desgraça de minha filha. Seria possível que Aurora tão bem educada e com uma indole tão docil, se tornasse repentinamente má, perdida, e immoral? Seria possível que aquelle anjo tão bello fosse tisnar a candura do seu seio sagrando seu coração ao amor sob as azas corruptas da escravidão? Como pae e como homem não posso crê-lo. Nenhuma moça de nossos dias pôde amar a um escravo. E o que me dice Augusto ainda ha pouco? Seria possível que elle tão depressa degenerasse, que tão depressa se fizesse miseravel? Oh! não! não! Com tudo é justo ouvi-la. Não se pôde condemnar ou absolver sem ouvir. (Toca a campanhia) A previdencia é uma das virtudes do bom chefe de familia.

SCENA OITAVA.

Nabuco e Emilia.

EMILIA.

Papae, chamou?

NABUCO.

Vae dizer a tua irmã que venha fallar-me.

EMILIA.

Sim senhor (sahe.)

NABUCO.

(Passeia alguns instantes silencioso.) Até no despontar a aurora da felicidade ha nuvens sinistras.

SCENA NONA.

Nabuco e Aurora.

AURORA.

Mandou-me chamar, meu pae?

NABUCO.

Sim.

AURORA.

Aqui estou.

NABUCO (gravemente.)

Aurora, ha nova queixa de tua madраста contra ti, ha nova e infamante accusação.

AURORA (com firmeza.)

Um dia ella ha de cançar. O desengano ha de vir-lhe. Até lá terei resignação.

NABUCO.

O bracelete que ella suppunha ter sido roubado por ti appareceu.

AURORA.

Segue-se que não o roubei, não é assim? Alegrome muito.

NABUCO.

Como? alegra-te muito?

AURORA.

Pois não fica assim demonstrada a nullidade da accusação que soffri e a verdade de minha innocencia?

NABUCO (intencionalmente.)

O que dizes é um fingimento.

AURORA (com espanto.)

Como um fingimento? Acaso alguem póde ser o ladrão de um objecto que nunca foi roubado?

NABUCO (em tom de juiz.)

A gravidade de teu crime está em nunca ter sido roubado o bracelete.

AURORA.

Esse argumento é virgem.

NABUCO.

Porque ao lado d'esse bracelete appareceu um outro do mesmo feitio e do mesmo valor. Elles aqui estão, vê-os. (Mostrando dous braceletes iguaes.)

AURORA (fulminada.)

Ah!

NABUCO.

Raciocinando com madureza, torna-se evidente que ninguém se não a pessoa accusada teria o interesse de destruir a causa da sua accusação, collocando no lugar do objecto que se dizia roubado outro igual.

AURORA.

Mas...

NABUCO.

Tú eras a accusada.

AURORA (timidamente.)

Meu Deos!

NABUCO.

Tú só poderias alcançar um bracelete igual ao que se dizia roubado—ou roubando, ou recebendo-o de alguém. Não tinhas de quem roubar, porque não guardo dinheiro em casa. Recebeste-o pois, de alguém.

AURORA (com exhição.)

É verdade.

NABUCO (admirado.)

Pois essa hypothese é verdadeira?

AURORA (com firmeza.)

Não devo negar.

NABUCO (irado.)

Ninguém, excepto eu, dar-te-hia esse bracelete, sem que o pagasses a custa de tua...

AURORA (confundida.)

Meu pae!

NABUCO (solememente.)

Não ha meio termo.

AURORA (nobremente.)

Não, meu pae. É um segredo que não posso violar agora. Mais tarde talvez. Tranquillize-se, porém, que continuo a ser digna do seu amor e da estima de todos os homens de bem. Quem me deu o bracelete não teve em mira corromper-me.

NABUCO.

Foi Augusto? Mas Augusto não tinha dinheiro. Se foi elle, roubou.

AURORA.

Por ora não posso dizer-lhe o nome de quem m'o deu.

NABUCO.

De ti para mim em um assumpto tão melindroso não póde haver segredo.

AURORA.

Si as cinzas de minha mãe têm algum valor para aquelle que tanto a amou, eu lhe peço por ellas que creia em minhas palavras e espere.

NABUCO.

Isso é um subterfugio.

AURORA.

Um subterfugio não innocenta.

NABUCO.

Tua madrasta dice-me que fui roubado por Paulo, que elle foi quem te deu esse bracelete, que foste...

AURORA (fulminada.)

Ah!

NABUCO (com amargura.)

Então é verdade, desgraçada? (Alçando uma cadeira para ella.) Mato-te n'este momento. Infame!

AURORA.

Descarregue o golpe meu pae, descarregue, que mata uma innocente. Tambem Jacob ia sacrificando Isaac. Quem sabe se não é esta a vontade de Deos? Seus arcanos são insondaveis com os abysmos. Talvez esteja escripto no decalogo : mate o pae a sua filha natural para dar prazer a sua madrasta.

NABUCO.

Se é inexacto, dize a verdade. Quero saber o nome do miseravel que te dêo aquelle bracelete.

SCENA DECIMA.

Os mesmos, Augusto e Constança.

(Constança vem do interior e Augusto da rua.)

CONSTANÇA.

Paulo!

NABUCO (fulminado.)

Ouves?

AUGUSTO.

Mentira! O nome desse miseravel sei-o eu, meu tio é...

NABUCO (com soffriguidão.)

Dize, dize.

AUGUSTO.

É Augusto.

NABUCO (com anciedade.)

Tu?

CONSTANÇA.

É impossivel.

AURORA (triumphantemente.)

Oh! meu pae, eis agora a irradiação da verdade.

CONSTANÇA (com força.)

É impossivel, é impossivel!

AUGUSTO.

É exacto.

CONSTANÇA (com indignação.)

Atreves-te a desmentir-me? Pois bem, tu, pobre caixeiro, onde achaste dinheiro para comprar uma joia de custo de cinco contos de réis?

AUGUSTO.

Desde minha infancia que sirvo na casa de meu tio, sem nunca haver tocado em meus salarios...

NABUCO.

É verdade.

CONSTANÇA (com força.)

És um ladrão! Com o luxo e a carestia de hoje não pôde um caixeiro ajuntar tanto dinheiro.

NABUCO.

Lançaste mão do que era teu.

AUGUSTO. (com nobresa.)

Senhora, um ladrão não procede como eu, não escreve o seu debito nos livros da casa que rouba.

NABUCO.

(Dando-lhe um dos braceletes.) Esta joia pertence-te, é o teu presente de noivado.

AUGUSTO (offerecendo-a a Aurora.)

Obrigado, meu tio.

NABUCO.

Se os teus papeis já estão despachados vae a primeira Igreja. Aurora vae vestir-te para o teu casamento. Paulo, que ponha os russos no *coupé*. Á toda a brida. Na volta manda chamar o meu advogado.

CONSTANÇA (furiosa.)

Não consinto que me roubem por esta forma. O senhor nada tem para dar. Quando casou-se commigo nada possuia. Toda a fortuna d'esta casa é minha, foi o meu primeiro marido quem m'a deixou.

NABUCO (com sangue frio.)

Socegue o seu espirito. Quando fizermos o divorcio os cinco contos de réis de preço do bracelete entrarão no meu quinhão, apesar de pertencerem ao suor de Augusto.

CONSTANÇA (em gritos.)

Ah! é para isso que quer divorciar-se? Meus bens não serão repartidos com ninguem. O senhor sempre foi um pobretão, nada trouxe, nada leva. Dê-me os meus braceletes, dê-me-os (querendo tomal-os a força).

NABUCO (com força e impedindo-a de tomar o bracelete.)

Senhora.

CONSTANÇA (furiosamente.)

Aqui d'El-Rei que estão me roubando! Querem-me reduzir a miseria? Onde está a policia d'esta terra? onde estão as authoridades? onde está o povo? Ninguém me soccorre!

NABUCO (solemnemente.)

Perdeu a razão, senhora? Semelhante escandalo! A policia, as authoridades e o povo que têm que ver com a minha vida domestica? D'aquella porta para dentro sou rei.

CONSTANÇA (gritando.)

Socorro, socorro.

NABUCO.

Vae, Augusto; vae, minha filha, e acabemos com o ridiculo d'esta comedia, que está divertindo a visinhança e dando pasto a lingua dos maldizentes, por que é impossivel que não oução os gritos d'aquella douda (aponta para Constança).

CONSTANÇA.

Estou na minha casa. Nada tenho com a visinhança. Aqui ninguem é meu pae.

AUGUSTO.

Minha prima, obedeçamos a meu tio. Deos costuma fallar pela boca dos velhos.

AURORA.

Sim.

CONSTANÇA.

Para me roubarem, não consinto. Se queria o meu dinheiro porque não casou com Emilia?

AUGUSTO (com dignidade.)

Eu não quiria o seu dinheiro, senhora; e o coração nos seus affectos não pede conselhos a ninguem. (Leva Aurora aos pés de Nabuco e ajoelham-se.) Abençõe-nos, meu tio. Eu tenho inteira fé nas bençãos dos paes.

NABUCO (abençoando-os.)

Deos os abençõe, meus filhos, para que sejam felizes e vivão muitos annos em doce harmonia gosando no santuario do lar domestico a paz e a ventura porque tanto suspirei em meus sonhos de moço e que durante vinte annos de vida conjugal não pude encontrar por mais que concedesse com os caprichos de minha mulher. Vão, vão, e Deus os acompanhe.

AURORA (soluçando.)

Meu pae!

NABUCO (abraçando-os.)

Minha filha! Já deixei de ser desnaturado para ser pae extremoso. Renasci de minhas infelicidades.

AUGUSTO (dando o braço a Aurora; para Constança.)

Minha senhora...

CONSTANÇA.

(Cahe sobre uma cadeira e fica a debater-se.) Ai! ai! que está me dando o meu ataque, o meu nervoso! Morro se não me acodem. Ail...

NABUCO.

Bravo! muito bem. Isto é força de genio. Venha um copo d'agoa fria, para derramar-lhe por sobre a cabeça. Em casos como este agua fria é optimo remedio.

FIM DO SEGUNDO ACTO.

Acto Terceiro.

Sala de caesbre.

SCENA PRIMEIRA.

AUGUSTO (só.)

(Estremecendo ao estrondo de um trovão que succede ao clarear de um relampago.) Que noite horri-sona! Succedem-se os relampagos, qual mais deslumbrante, qual mais sinistro! A detonação dos trovões, o bramido do mar, o esfusiar dos ventos susta a circulação do sangue. (Novo relampago e trovão.) A natureza está de concerto com o genio do mal encarnado na entidade multipla e satanica, que se chama—es-cravidão. Presta-lhe o seu apoio—o mysterioso e o si-nistro; occulta em seus flancos tenebrosos a realisação de seus nefarios projectos. (Novo relampago e trovão.) Mais horrivel porém do que tudo isto é a procella que ruge em meu espirito! (Afflicto.) Meu Deos!.. Onde está a vossa providencia? Não ha muitas horas que sahi da casa de meu tio para celebrar na primeira Igreja o meu consorcio... Ella... Aurora ia ao meu lado!... Sinto ainda o seu contacto, a sua voz, o seu halito... Depressa tudo mudou-se. Parece que estive sonhando. Quando accordei estava só, vi muito alto, muito ao longe as azas do

anjo da felicidade que me fugia. (A tempestade continúa) Maldito sonho!... Eu e elle iamos n'um carro; Paulo fustigava os cavalloos com ardor, os cavalloos voavão... ao enfrentar com o primeiro templo gritei—pára!... o chicote estalou fortemente e os cavalloos continuavão a voar com a velocidade do raio... o mesmo succedeu ao passar o segundo, o terceiro, e o quarto... tive mêdo!... ella conchegou-se a mim e tremeo!... um *quê* de pavoroso roçava sobre nossas cabeças!... aquillo não era marchar para a felicidade, era correr para o patibulo!... gritei por soccorro, inutil, ninguem me podia ouvir com o estrondo das rodas sobre o empedrado das ruas... foi então que tive uma vertigem... quando dei côbro de mim, tinha atravessado a Bahia inteira, e oito braços negros, possantes, herculeos agarravão-me, arrastavão-nos para fóra do carro, abafando-nos a voz com mordanças... Ella, coitada, pobre Aurora, desmaiou!... (A tempestade continúa.) Estavamos prisioneiros. No fim de alguns minutos quem sabe se a morte não me espera? Pobre Aurora! está nas garras da lacivia bestial de um negro, como eu estou nas garras de seu ciume feroz. Sim, no meu espirito ja não resta a menor duvida que Paulo a ama. Senão a amasse como pretendia envenenar a minha tia? como teria pretendido suicidar-se? Imbecil que fui! O amor da liberdade não o impellera a tanto, se uma paixão indomita, infernal não lhe lavrasse no coração. (Pausa.) Aurora amada por um escravo!... manchada pelo bafo pestilento do seu amor corrompido e corruptor!... Oh! que acre

são os maldictos fructos da escravidão!... Já por toda parte o robusto pé da civilisação esmagou a hydra do elemento servil, e na terra de Pedro Alves Cabral, no estado mais gigantesco da America ainda ha escravos!... ainda se conserva essa lepra do trabalho, da moralidade, da segurança e inviolabilidade da vida?... O governo dorme, dormem os particulares, e a lepra devasta, flagella, consome. Sim dormem todos; porque, que valem esses pequenos nucleos emancipadores, que são o symbolo de Sysipho a rolar eternamente o rochedo para o cimo da montanha? que valé o sentimento unanime da nação, se ha paralyisia? que valem os rasgos de humanidade dos philantropos? que valem as declamações das gazetas, as discussões banaes, superfluas, e os projectos inexequiveis das camaras? Todas estas cousas são novas forças que se creão, que se accumulam para impellir com mais vehemencia a torrente que se despenha do alto da montanha, tudo isto gera no espirito embrutecido dos escravos um estímulo terrivel, acorda-lhes a idéa de despedaçar os ferros do captiveiro, ensinua-lhes os meios de se insurgir contra o poder senhoreal! Todo esse borborinho é uma sentelha incendiaria. A extinção do elemento servil não é cousa que se planeije estrondosamente, sem cautella e sem reserva. Quando esta questão vital vem a luz em um paiz deve previa e silenciosamente ter sido estudada e meditada. Porque não nos havemos de mirar no terrivel espelho cuja, luz fratrecida ha poucos annos a grande America-do-norte volveu para a immensa America-do-sul?... (Pau-

sa.) Não quizerão, não querem a extinção lenta e gradual, hão de ter a extinção explosiva, filha do desequilíbrio entre a liberdade e a escravidão, a extinção precepitada e quiçá sanguinolenta! A pressão atmosphérica sobre o pergaminho adherente ao tubo rarefeito pela machina pneumática produz ruptura e viva detonação. Ha consequencias necessarias e fataes... o crime de Paulo tira sua origem do facto da escravidão... esse drama obscuro em que me vejo envolvido nasce da propaganda emancipadora, que só deveria ser feita com o accumulo de todos os elementos habeis para a realisação da grandiosa e civilisadora idéa, a que todos os partidos e todos os homens consagrão preito e sympathya. Oh! agora que a torrente se despenha, que a pedra rola do alto da montanha, é preciso dirigi-la para diminuir os seus extragos, é preciso csmagar a hydra para extinguir o veneno, remover a peste para extinguir o contagio, curar a lepra para acabar com os leprosos. É preciso, é necessario banir a escravidão.

SCENA SEGUNDA.

O mesmo e Paulo.

PAULO.

(Mostrando-se ao clarão de um relampago, de libré e com duas pistolas em punho.) Sim, diz bem, é preciso, é necessario banir a escravidão; mas sabe por-

que? Porque todos os homens são irmãos; porque todos são iguaes; porque todos tem os mesmos orgãos e as mesmas facultades; porque todos tem os mesmos affectos; em uma palavra, porque a logica é fatal. Na partilha da liberdade, Deos não considerou a diversidade das côres e das raças. A liberdade não foi como o talento desproporcionalmente distribuida. Porque ha senhores e escravos? Porque o branco é senhor, e o negro escravo? Onde esse abstruzo direito? No abuso da força somente. Aquelle, que redmio a humanidade com o seu sangue divino, que no Calvario fez da liberdade uma corôa de gloria, não submetten o homem ao homem. A vóz do christianismo protesta altamente contra semelhante monstruosidade.

AUGUSTO.

Infelizmente assim é.

PAULO (com sangue frio.)

Então comprehende e confessa que eu tenho um coração formado como o seu?

AUGUSTO.

Sim.

PAULO (idem.)

E que esse coração pode apaixonar-se pelos mesmos objectos que o seu?

AUGUSTO.

Sim.

PAULO (idem.)

Porque pois não recuou do meu caminho? Porque quiz lançar-me a pedra do esbarro?

AUGUSTO.

Vejo agora o clarão do sol no fundo escuro do oceano.

PAULO (idem.)

Tarde de mais; porque não tem outro remedio se não ~~deixar-me~~ livremente o amor que me disputou, que me quiz roubar, abusando do seu poder e posição.

AUGUSTO.

Oh!...

PAULO.

Primeiro que o senhor eu a amei, porque a amei aos peitos de minha mãe; no mesmo berço em que fomos embalados.

AUGUSTO (com força.)

Paulo!

PAULO.

Ella me pertence ha muitos annos, e quando assim não fosse deveria ceder-m'a, porque o senhor é o mais forte.

AUGUSTO (com força.)

Que atrevimento de lingoagem é este?

PAULO.

Precisavamos de entender-nos, fallo a verdade.

AUGUSTO (idem.)

Não te lembras, que és um escravo?

PAULO (idem.)

Fui, mas já agora não o sou.

AUGUSTO (idem.)

Miseravel!

PAULO (soberanamente.)

Aqui estão dous homens, dous rivaes face á face. Ambos são iguaes. Um porém é mais forte, porque está armado, e tem o outro em seu poder, longe da cidade, onde o soccorro é impossivel.

AUGUSTO (com brandura.)

E ella?!

PAULO.

Fallemos de outra cousa primeiro. Sabe onde está? Isto aqui é S. Lazaro. Como já vio tenho uma quadilha de fugitivos. É tarde da noute. (A tempestade faz-se ouvir.) A tempestade me auxilia.

AUGUSTO (idem.)

Que pretendes fazer?

PAULO (idem.)

Ha-de saber.

AUGUSTO (idem.)

Queres dinheiro.

PAULO (idem.)

Não.

AUGUSTO (idem.)

Queres a tua liberdade?

PAULO (idem.)

Tambem não.

AUGUSTO (idem.)

Que queres então?

PAULO (idem.)

Duas cousas—a posse do objecto amado, e a vingança.

AUGUSTO.

Que cynismo!

PAULO (idem.)

Já esqueceu o com que encarregou-me de ser o seu mensageiro?

AUGUSTO (idem.)

Negro, tu não me podes fallar com tamanha desenvoltura.

PAULO (idem.)

O escravo converteu o senhor em escravo, e fez-se senhor. (Augusto faz um movimento contra elle.) Fique tranquillo. O escravo ultrajado é fera, e as balas não têm piedade.

AUGUSTO.

Mata-me, mas não me insultes.

PAULO.

Só esperava por meia noite. Veja o seu relógio.
Que horas são?

AUGUSTO.

Exactamente meia noite.

PAULO.

Está tudo disposto para sua morte; mas, antes de
matal-o, desejo vingar-me.

AUGUSTO.

Qual é a tua vingança?

PAULO.

Lembra-se dos horrores do Matto-Grosso e da Uru-
guayana?

AUGUSTO.

Não te atreverás a desacatal-a em minha presença.

PAULO.

Verá.

AUGUSTO.

Matar-te-hei com as mãos, com as unhas, como
o tigre e o leão.

PAULO.

Impotente como está será suppliciado e torturado
moralmente; depois...

AUGUSTO.

Depois?

PAULO.

Ha de morrer. Hei-de lavar-me em sangue, minha
raça ha-de lavar-se em sangue. O opprobrio e o chi-
cote pedem sangue.

AUGUSTO.

Qual o genero de morte que me destinás?

PAULO.

O de Edemundo Dantes! e Rocanbole: o sacco, a
pedra e o oceano.

AUGUSTO.

(Armando-se com uma cadeira e avançando.) Pois bem, desgraçado, comecemos uma lucta de morte, uma lucta de tigres, á ver quem triumpha.

PAULO (recuando.)

Se continua a avançar faço fogo.

AUGUSTO (avançando.)

Atira.

PAULO (recuando.)

Ainda não. Ouça o resto do plano que concebi.

AUGUSTO.

Acaba.

PAULO.

Depois dos successos que annuncio e vão ter logar, toda a familia Nabuco será exterminada, e saqueados seus bens. Eu e ella fugiremos para o centro, d'onde seguiremos sempre para o norte da America. No paiz classico da liberdade serei tão bem cidadão, a elle irei pedir o direito que me recusa minha patria. Recorda-se de haver me dito uma vez que eu era in-

telligente e que livre poderia representar um papel brilhante no mundo?

AUGUSTO.

Foi uma inepecia minha.

PAULO.

Nunca me esqueci d'isto. Suas palavras forão um util conselho, um farol benefico. Depois d'ellas tive aspirações. Quero ser medico ou bacharel.

AUGUSTO.

Negro, q principio do bem não deixa toda a liberdade ao principio do mal. Teus planos falharão.

PAULO.

D'aqui a momentos não me dirá assim. (Apita mysteriosamente e apparecem negros armados.)

SCENA TERCEIRA.

Os mesmos e os negros.

PAULO.

Vê? É a minha soldadesca. Obedecem-me como a um rei...

AUGUSTO.

São sicarios.

PAULO.

Quer ainda a lucta?

AUGUSTO.

Não me ultrajes.

PAULO.

A noute está excellente. O mar está furioso; não lhe ouve os bramidos? tem fome, pede uma victima. É facil de dar-lh'a. Estamos em uma eminencia. O arremesso é cousa de segundos. O oceano é tumulo de segredos. Fará bem se for rezando o officio dos agonisantes.

AUGUSTO.

Que dizes?

PAULO.

A verdade.

AUGUSTO.

Paulo, tu que és intelligente não comprehendes que ha muita covardia em tudo que pretendes fazer?

PAULO.

Não, a prudencia não é covardia.

AUGUSTO.

Se tens alguma dignidade e cavalheirismo, dá-me uma d'estas pistolas que empunhas, e em um duello honroso disputemos o amor, a felicidade, a honra e a vida.

PAULO.

Isso nunca.

AUGUSTO.

Se não queres lutar como homem, bater-te como livre, mata-me (Ajoelhando-se), mata-me pelo amor de Deos, mas não abuses da tua superioridade, não me insultes, não a desacates na minha presença.

PAULO.

Se fosse um homem de minha condição...

AUGUSTO.

Mata-me, em nome de tua mãe.

PAULO.

Minha mãe?! (Passando a mão pelo rosto.) Que pezadello!

AUGUSTO.

És surdo?

PAULO.

É preciso ter altivez para não dobrar os joelhos a outro homem.

AUGUSTO.

Deante do gorro de Gesler todos se'descubrirão (Levantando-se.)

PAULO.

É muito miseravel o seu espirito.

AUGUSTO.

Infame!..

PAULO (aos negros.)

A menina Aurora está em segurança?

1.º ESCRAVO.

Completa.

PAULO.

Ainda chora?

1.º ESCRAVO.

Muito.

PAULO.

Tragão-m'a aqui immediatamente, bem como todos os utensilios preparados para o sello da redempção, se não da escravatura em geral, ao menos de nós os mais audazes (Os escravos sahem).

AUGUSTO.

Até que enfim vou vê-la! Mas como, meu Deos? Entre verdugos de quem não posso livral-a.

PAULO.

Após quinze minutos estará tudo consumado. O mar é perto.

AUGUSTO.

Emquanto os lumes da fé abrasarem meu peito, espero a vossa miraculosa protecção, Deos de bondade. Diante do perigo minha alma parece fortalecer-se, meus temores se desvanecem. Na sanctidade da minha consciencia, na misericordia celeste firmase a minha esperança.

PAULO.

Aqui estou certo não penetrará o poder de Deos.

Vêda-o a justiça da minha causa, que é a justiça de uma raça inteira, vêda-o a tempestade, o deserto, a noute, o retiro, todos os elementos materiaes.

SCENA QUARTA.

Os mesmos, Aurora e os Escravos.

AURORA (correndo para Augusto.)

Augusto!

AUGUSTO (querendo abraçá-la.)

Aurora! meu anjo! Implora a Deos pela nossa sorte.

PAULO.

(Mettendo-se de permeio.) Affastem-se, e respeitem-me. Aqui não vierão para se abraçarem, para colloquios, para expansões e confidencias.

AURORA.

Ah!

AUGUSTO.

(Lançando-se a Paulo.) Escravo, lavraste a tua sentença de morte, é necessario que morras.

AURORA (segurando-o.)

Não, Augusto; não puderas lutar. São muitos e todos armados.

PAULO.

Louvo-lhe o juizo com que falla. Não pode esperar o triumpho, só a morte (Aos escravos.) Prendei-o. (Os escravos se apoderão de Augusto que cede a força e deixa-se manietar pelas costas.)

AUGUSTO.

Traidor, só assim me poderias curvar a tua prepotencia. Agora o que te falta? Mata-me. Faze o teu papel de carrasco.

AURORA.

Paulo, sê generoso pelo amor de Deos. Perdôa. Solta o meu Augusto. Dá-nos a liberdade. Não sejas ingrato. Não pagues tão cruelmente os beneficios que meu pae te fez. Oh! repara que é tua irmã de leite que te pede, vê que é ella quem se ajoelha a teus pés (Chorando.) Paulo, Paulo, sê compassivo.

PAULO.

Não procure commover-me, é inutil. N'este coração chagado pela desgraça não podem echoar supplicas.

AURORA (á Paulo.)

Meu irmão!...

AUGUSTO.

Minha prima, por amor de tua dignidade não te curves, não deças á pedir a um escravo brutal e feroz. Morramos. Se fôr vontade do ceo que não sejamos unidos na terra, o archanjo dos chastos amores ligará nossas almas nas delicias interminaveis da eternidade. Não tens coragem para morrer? Supplica valor a providencia. A morte não é tão dolorosa como se suppõe; mais doloroso é este supplicio a que estamos submetidos.

AURORA.

Se o tigre não se commove, eu saberei morrer contigo, e morrerrei feliz.

PAULO.

Iaiá Aurora, tenho muito que lhe dizer, escute-me. É primeira vez que lhe posso abrir-lhe minha alma. A differença das côres não separa os homens uns dos outros pela natureza, nem os sujeita uns aos outros. Todos nascemos livres e iguaés, e o preceito maximo que Deos nos impoz foi o amor. A humanidade provém de um só tronco, esse tronco de uma só semente, essa semente foi o Auctor da natureza quem a

plantou. D'ahi a liberdade, a egualdade e a fraternidade universal, d'ahi o mysterio da redempção. A educação que recebi fez-me pensar n'isto, abrio-me os olhos, aclarou-me todas as trevas do espirito. Quando comprehendí a grandeza da minha origem perguntei a mim mesmo—porque sou escravo? Não pude dar-me uma resposta. Mais tarde foi-me revelado um tremendo segredo. Eu era irmão do homem que me retinha no captiveiro, e sua filha era minha irmã de leite. Desde o momento dessa revelação concebi a aspiração da minha independencia. Era eu ainda uma creança, não tinha forças para passar do desejo ao facto.

AURORA.

Tú mentes, e tua historia me é indifferente.

PAULO.

Irmão de leite da filha de meu verdugo cresci juntamente com ella, ao passo que minhas forças se desenvolvião, crescia o meu amor por ella; mas como o mar comprime no seu seio as tempestades eu comprimia no coração a paixão que me devorava. Podia amal-a, porque era homem e irmão de seu pae, mas não podia amal-a porque era escravo; mas não podia ser amado por ella, porque um outro possuia o seu pensamento e o seu coração. A vingança enraizou-se em meu peito, e eu jurei matar esse homem que me roubava a felicidade.

AURORA.

Tu me insultas, negro!

PAULO.

Agora já comprehende porque está aqui e o que se
vae passar?

AURORA.

Meu Deos!

PAULO.

É tão violento, é tão grandioso o meu amor, que,
se ordenar-me deixarei de vingar-me.

AURORA.

Oh! não o mates, eu o amo tanto.

PAULO.

Isso, porém, será mediante uma condição.

AURORA.

Dize.

AUGUSTO.

Não accites condições.

PAULO.

Deixarei de arremessal-o ao fundo do mar, dei-
xal-o-hei vivo n'esta casa, e fugiremos, se acceder a
dar-me um beijo em sua presença. Isto bastará para
minha vingança.

AURORA.

Mata-o e mata-me; mas não pulluirás a pureza do
meu amor, negro insolente.

PAULO.

Matal-o-hei, e ficarás sendo minha. De minhas mãos
não haverá poder que te arranque.

AUGUSTO.

Miseravel!

AURORA.

Quando houveres de tocar no meu corpo achal-o-
has cadaver, eu t'ó juro, assassino.

AUGUSTO.

Ouves, Paulo? Comprehendes o valor destas pala-
vras? Dou-te agora licença para me matar. Algoz, o
coração e o amor do anjo desceraõ commigo a sepul-
tura.

PAULO.

Pouco me importa isso. A paixão e o ódio me embriagão. Como as pheras cevar-me-hei no cadaver. (Pausa) Mas não. Aurora, faça do escravo, faça do demonio um anjo. Arranque-me do inferno. Basta uma palavra sua. O amor é na terra o ceo, como o ceo é na eternidade toda a doçura, toda a felicidade. Ame ao escravo, ame a seu irmão, dê-lhe o seu coração. O amor ergue os mortaes acima da natureza. (Ajoelha-se e tomando-lhe a mão.) Oh! eu a adoro ha longos annos, virgem dos meus sonhos... consinta ao menos que oscule esta mãosinha que resume todos os thesouros.

AURORA (repellindo-o.)

Vil escravo, eu sou tua senhora, não posso amar-te, não me desacates.

PAULO (levantando-se.)

Aqui já dicenão ha senhor, nem escravo. Somos todos eguaes, quando não pelos preconceitos, pelo abuso de direito; ao menos pela natureza e pelo poder da força. Não insista, porque obrigar-a-hei a curvar-se a minha vontade.

AURORA.

A pureza não se curva a corrupção; a virtude não se dobra ao vicio!

PAULO.

Estamos perdendo tempo. Basta de palavras. Não aceita a minha proposta? Pois bem. Mettão-o no sacco (aos escravos apontando para Augusto.)

OS ESCRAVOS.

Viva o capitão! (cercando Augusto.)

AURORA.

Meu Deos!

AUGUSTO.

Aurora, minha doce amada, recebe o meu ultimo adeos.

AURORA (afflicta, chorosa e de joelhos.)

Paulo, Paulo, sê misericordioso; suspende...

SCENA QUINTA.

Os mesmos, Nabuco e uma força de policia da parte de fóra.

NABUGO (batendo a porta.)

Abra, abra se não derribo-a.

PAULO.

Oh!... inferno!... Não hão de triumphar, (Aos escravos.) Affastem-se, quero fazer-lhe fogo.

AURORA (gritando.)

Meu pae! meu pae!

AUGUSTO (ufano.)

O principio do bem subjuga o principio do mal.

PAULO.

(As pancadas na porta succedem-se mais violentas.) Ainda não! (Faz fogo e fere a Augusto no hombro, n'este momento a porta vòa em estilhaços.)

AUGUSTO.

Não acertaste no coração. Feriste-me levemente.

AURORA.

Grande Deos!

NABUCO.

Aurora, minha filha! Augusto, meu Augusto! (Ha estupor geral.)

AURORA.

Meu pae, meu bom pae!

AUGUSTO.

Chegou ainda muito a tempo, meu tio.

PAULO (arremessando as pistolas.)

Triumpharão!.. (Rindo) Mas não triumpharão sempre. Fica-me a vida, fica-me o odio mais e mais implacavel. A escravidão faz do homem algoz e do algoz tigre e leopardo.

NABUCO (aos soldados.)

Prendão este negro.

PAULO (com força.)

Não se aproximem de mim.

AUGUSTO.

Meu tio, este assassino não pode ser mais escravo, nem merece a liberdade. Entreguemol-o ao desprezo e ao destino. Deixemol-o ir. Sejamnos generosos e choerentes. Elle não é responsavel do mal que praticou, era escravo. Os terriveis estragos da escra-

vidão não se podem sanar por meio de castigos, desapparecem com a extinção della. Oxalá todo o paiz comprehendesse o alcance moral e benefico d'estas palavras!

NABUCO.

Faze o que quizeres, elle é teu.

AUGUSTO.

Vae, negro; vae Caim, acurvado ao pezo de tua maldição!

AURORA.

Possa um dia o perdão de Deos cahir misericordioso sobre a tua cabeça coroada de iniquidades.

PAULO.

Não posso ser livre, nem escravo, porque attentei contra os meus verdugos; tambem não quero ir pelo mundo como As haverus. O meu sonho não era a independencia, era o amor. Os homens de minha raça não podem ser amados! De que me serve a vida nomade, sem a felicidade que almejava?.. Para que eu quero o desprezo de todos, o inferno no coração e o deserto em torno de mim? Os desgraçados devem morrer. Caia o meu sangue sobre vós, e clame vingança pela minha raça inteira. Oxalá seja elle a se-

nha de guerra entre escravo e senhor, o principio da redempção dos escravos no Brazil. Nabuco, até na eternidade. Caim és tú que matas a teu irmão. (Ar-rancando do seio um punhal.) Mulher a quem tanto amei, ingrata, seja o teu nome o meu verbo final!.. Minha mãe... meu Deos... perdão... (querendo ferir-se.)

AUGUSTO (desarmando a Paulo.)

Paulo, levanta-te do abysmo e regenera-te.

PAULO.

Deixe-me morrer; a escravidão é uma fatalidade.

AURORA.

Peior do que ella é a ingratitude e o suicidio. Vive para seres homem moral que eu te confio a liberdade. Que mais queres? O perdão em actu-continuo ao crime deve encher de remorsos ao criminoso e obrigal-o a arripiar carreira do mal. Recebe o perdão, que é a maior vingança que podem saborear os que forão educados na religião do Carvario. Paulo, meu irmão, pela memoria de tua mãe converte-te, recebe a liberdade, torna-te proselito do bem.

PAULO.

Tanta virtude, tanta generosidade, tanta grandeza d'alma me esmaga e me vence. Sinto os clamores da consciencia. Meu Deus! a sombra de minha mãe apparece como auitr'ora em minhas noutes de innocencia. Pobre mãe (Ajoelha-se.) Como vem tão lagrimosa! (Harmonia na orchestra.) Choras os meus erros?... Perdôa-me, sombra veneravel... D'ora avante vou ser bom (Tomando a mão de Aurora e beijando.) Anjo, salvaste um demonio (Erguendo-se.) Assim alvoreça a liberdade para meus irmãos, como agora alvorece a virtude nas trevas de minha alma.

FIM.

Julho de 1870.

